



UM ANO  
— APRENDENDO COM —  
JESUS

*Hebrom*

# APRESENTAÇÃO

Olá família Hebrom, graça e paz seja sobre sua vida! cremos que 2024 será um ano de crescimento espiritual em conformação com Cristo. Dentro desta perspectiva estamos colocando em suas mãos um material riquíssimo contendo parte dos ensinamentos de Jesus. Esse conteúdo é semanal, com o alvo de compartilharmos em nossas reuniões das RFs. É de suma importância que você medite todas as semanas, a fim de se envolver na preciosa aventura do compartilhamento de vida e revelação. Nosso crescimento é fruto do ouvir, mas também do falar. Então, mergulhe nessa aventura! Ah, esse material é para o 1º semestre do ano, o do 2º semestre a seu tempo estará em suas mãos. Agora é só apropriarmos de tudo o que o Senhor nos deu. Por falar nisso, vamos dar um brado de vitória: *Eia Hebrom! Subamos e possuamos a terra, porque, certamente, prevaleceremos contra ela* (Números 13:30b).

**Pastores Hebrom Goiânia**

## Ensino sobre a responsabilidade pessoal

*Então Jesus começou a denunciar as cidades onde ele havia feito muitos milagres, pois não tinham se arrependido. “Que aflição as espera, Corazim e Betsaida! Porque, se nas cidades de Tiro e Sidom tivessem sido realizados os milagres que realizei em vocês, há muito tempo seus habitantes teriam se arrependido e demonstrado isso vestindo panos de saco e jogando cinzas sobre a cabeça. Eu lhes digo que, no dia do juízo, Tiro e Sidom serão tratadas com menos rigor que vocês. “E você, Cafarnaum, será elevada até o céu? Não, descerá até o lugar dos mortos. Porque, se na cidade de Sodoma tivessem sido realizados os milagres que realizei em você, ela estaria de pé ainda hoje. Eu lhe digo que, no dia do juízo, Sodoma será tratada com menos rigor que você”. (Mateus 11:20-24)*

### Contextualização

Vamos destacar a seguir duas verdades solenes. Em primeiro lugar, aqueles que rejeitam a oferta da salvação buscam sempre motivos para se desculparem. Deus enviou João Batista pregando arrependimento, a fim de preparar o caminho para a chegada de Cristo, e os judeus disseram: ele tem demônio. O maior homem entre os nascidos de mulher é chamado de endemoninhado pelos incrédulos. Suas mentes estavam cegas pelo preconceito. Deus enviou Jesus pregando o evangelho e os judeus disseram: ele é um glutão, bebedor de vinho e amigo dos pecadores. Ao último profeta e ao próprio filho de Deus, os homens rechaçaram.

Em segundo lugar, aqueles que voluntariamente se tornam impenitentes não escaparão das consequências de seus pecados. Jesus destaca aqui a responsabilidade humana. Essas cidades deveriam ter se arrependido, ou Cristo não as teria acusado. O arrependimento é um dever. Quanto mais os homens ouvem e veem a obra do Senhor, maior é a sua obrigação de se arrependerem. A questão prática era a culpa daquelas cidades favorecidas na medida em que permaneciam insensíveis à visita que teria convertido os sidônios pagãos, sim, e os faria se arrependerem rapidamente há muito, e isso de forma mais humilhante: com saco e com cinza. É um fato triste que os nossos ouvintes impenitentes rejeitem a graça de Deus.

Jesus disse que haverá menor rigor para Tiro, Sidom e Gomorra, no dia do juízo, do que para as cidades que tinham visto seus milagres e ouvido sua pregação. As mais degradadas cidades do mundo estarão em situação mais confortável no dia do juízo do que aqueles que se recusaram a se arrepender e crer no evangelho de Cristo. Fritz Rienecker destaca a gravidade de rejeitar a graça. Ele diz que nada, nenhum pecado, por maior e mais execrável que seja, pode ser comparado a isso. Quem ouviu a mensagem da redenção pelo sangue de Cristo, e apesar disso continua seu próprio caminho em oposição a Deus, sobrecarrega-se com uma culpa maior que a do pior criminoso.

Tasker afirma que a importante cidade de Cafarnaum, situada na costa do mar da Galileia, pela qual passava a grande estrada de Damasco ao Mediterrâneo, achava-se segura e próspera, satisfeita e autossuficiente. Foi tentada a dizer, é o que Jesus deixa entrever pela

forma da pergunta: *E você, Cafarnaum, será elevada até o céu?* Aquilo que Isaias retratou como sendo dito por Babilônia: *Eu subirei ao céu; acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono [...] subirei acima das mais altas nuvens, e serei semelhante ao altíssimo.* E à espera da sua arrogância está uma condenação parecida com a que se prediz nas palavras dirigidas pelo profeta a Babilônia: *Serás precipitado para o reino dos mortos (Is 14.13-15).* É castigo maior do que aquele que sobrevirá a Sodoma no dia do juízo.

E assim, nos deparamos com uma grande verdade aterradora: não fazer nada também é um pecado. Há pecados de ação, pecados de comissão; mas também existe o pecado de omissão. O pecado de Corazim, de Betsaida e de Cafarnaum era o pecado de não fazer nada. Mais de uma pessoa se defende dizendo: "Mas eu nunca fiz nada." De fato, essa defesa pode ser sua condenação.

A experiência que Jesus tinha era que os rabinos e os sábios o rechaçavam e a pessoa simples o aceitava. Os intelectuais não se preocupavam com Ele, e os humildes lhe davam as boas-vindas. Devemos prestar atenção para ver com clareza o que Jesus quis dizer com estas palavras. Está muito longe de condenar a capacidade intelectual; o que condena é o orgulho intelectual. Como diz Plummer: "O coração, não a cabeça, é a morada do evangelho." Não é a inteligência quem lhe fecha a porta, e sim o orgulho. Não é a insensatez que o admite, e sim a humildade. Jesus não relaciona a ignorância com a fé, relaciona a modéstia com a fé. Um homem pode ser tão sábio como Salomão, mas se carecer da simplicidade, da confiança, da inocência do coração de um menino, ele mesmo fechou a porta.

### Perguntas para reflexão

- 1ª) Como essas verdades se aplicam hoje?
- 2ª) O que preciso alinhar com a verdade desse ensino?
- 3ª) Qual o recurso que a redenção proveu por meio da nova natureza para eu viver essa verdade de Cristo em minha vida?

# 2ª SEMANA Janeiro

## Ensino sobre o verdadeiro descanso

*Venham a mim todos vocês que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso. Tomem sobre vocês o meu jugo. Deixem que eu lhes ensine, pois sou manso e humilde de coração, e encontrarão descanso para a alma. Meu jugo é fácil de carregar, e o fardo que lhes dou é leve. (Mateus 11:28-30)*

### Contextualização

O convite de Jesus tem três características. Em primeiro lugar, é um convite universal (11.28). *Vinde a mim todos os que estais...* Esse convite é dirigido a todos os homens, de todos os lugares, de todos os tempos, de todas as culturas, de todos os estratos sociais. Ele ama a todos sem distinção e convida a todos à salvação. A porta da graça está aberta. E o convite é dirigido a você, agora! Jesus o convida na condição em que você está. Venha a Cristo mesmo cansado e sobrecarregado. Só nele você encontra descanso para sua alma.

Em segundo lugar, é um convite para uma relação pessoal com Jesus (11.28). *Vinde a mim...* Ele o convida para uma relação pessoal com ele. Ele convida você para ir a ele. Ele é a fonte. Ele é o Caminho. Ele é a Porta. Ele é o mediador. Ele é o salvador. Ele é a Vida Eterna. Só Jesus satisfaz. Só ele pode perdoar seus pecados. Só ele pode reconciliar você com Deus. Só ele pode guiá-lo ao céu. O que leva Jesus a convidar você a ir a ele? Não é porque você tem méritos. É pela graça de Deus. A causa do amor de Cristo está nele mesmo.

Em terceiro lugar, é um convite para aqueles que têm consciência de sua necessidade (11.28). *...todos os que estais cansados e sobrecarregados.* Concordo com John Charles Ryle quando ele diz que Jesus não se dirige àqueles que se sentem justos e dignos em si mesmos, mas a todos os que sentem um peso no coração e desejam tornar-se livres da carga do pecado. O convite da salvação é endereçado aos que têm consciência da sua necessidade, aos pecadores, aos injustos, aos que gemem debaixo da canga pesada de seus pecados, aos que sofrem pelo peso da culpa, aos que choram por suas mazelas. Concordo com Sproul quando ele diz que não há fardo mais esmagador para a alma humana do que a culpa. Quando carregamos culpas não resolvidas, culpas não perdoadas, elas nos oprimem e minam nossa alegria.

Jesus destaca dois pontos, como vemos a seguir. *Há pessoas cansadas que precisam de descanso.* Se você está cansado de seus pecados, se você está cansado de lutar sozinho para vencer suas fraquezas, se você está cansado de tentar fazer o melhor para Deus e fracassar. Se você está cansado de gemer sob o peso da culpa, com a consciência atormentada pelos flageladores, se você anda perturbado e sem paz, fustigado e atormentado pelo acusador, então esse convite é para você.

*Há pessoas sobrecarregadas que precisam de alívio.* O pecado é um peso. O pecado é maligníssimo. O pecado é pior do que a pobreza, do que a doença e do que a morte. Ele faz você gemer debaixo de uma carga esmagadora. Então é hora de clamar a Jesus e deixar que esse fardo role para a cruz de Cristo. Esse convite de Jesus é para você.

A mais gloriosa de todas as promessas desse convite (11.28b,29). Jesus promete: *...eu vos aliviarei [...] e achareis descanso para a vossa alma*. Só Jesus pode nos dar verdadeiro descanso para a alma. Vivemos num mundo que busca o prazer. Um mundo que corre atrás de satisfação e felicidade. Mas as festas do mundo terminam em cinzas. No fundo da garrafa, está não o descanso da mente, mas o tormento da alma. Na cama do adultério, está não o prazer que satisfaz, mas o gosto de enxofre. Nas viagens fantasiosas das drogas, está não a paz interior, mas uma dependência avassaladora. A satisfação não está no sucesso. Muitos daqueles que chegam ao topo dessa pirâmide se atiram de lá de cima no abismo do suicídio ou das drogas. A satisfação da alma não está no dinheiro. A riqueza material não preenche esse vazio da sua alma. Essa satisfação só pode ser encontrada em Jesus. William Hendriksen tem razão quando diz que tal descanso não é só negativo, ausência de incerteza, temor, ansiedade e desespero; positivamente, é paz na mente e, no coração, certeza de salvação.

A mais gloriosa de todas as parcerias (11.29,30). Em primeiro lugar, Jesus nos chama para uma vida de propósito (11.29). *Tomai sobre vós o meu jugo*. Fritz Rienecker fala sobre o jugo como um instrumento de trabalho. Somos chamados ao trabalho, e não à ociosidade. Somos chamados à ação, e não à contemplação. Somos chamados ao engajamento, e não ao isolamento. No jugo duplo, os dois animais se colocam lado a lado para trabalharem juntos. O desafio é trabalhar ao lado de Jesus, em parceria com ele. Ele não nos promete ausência de luta, mas nos promete companhia.

Em segundo lugar, Jesus nos chama para uma vida de discipulado (11.29). *...e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração*. Seus mandamentos não são como as regras opressoras do legalismo. Seus mandamentos são deleitosos. Seus caminhos são retos. Sua palavra é melhor do que o ouro e mais deliciosa do que o mel.

Em terceiro lugar, Jesus nos garante que a vida com ele é deleitosa, e não uma caminhada cheia de opressão e gemidos (11.29,30). *...e achareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve*. Ser “suave”, significa “adequado”, “bem adaptado”. Na Palestina, os jugos dos bois eram feitos de madeira. Levava-se o boi para tirar a medida. O jugo de Jesus se adapta bem. Ele é adequado. Seu jugo não esfola nosso pescoço. Jesus não oprime seus filhos. Robert Mounce diz que o fardo de Jesus é leve porque não se trata de mera obediência a mandamentos externos, mas de lealdade a uma Pessoa.

Certamente Jesus não promete a seus discípulos uma vida de inatividade ou repouso, nem isenção de tristezas ou lutas, mas lhes assegura que, se eles se mantiverem bem unidos a ele, acharão alívio de esmagadores fardos. A vida sem Cristo é um arremedo de vida, mas a vida com ele é o mais fascinante projeto de vida. Vinde! Tomai! Aprendei! Eis os imperativos da graça!

## Perguntas para reflexão

- 1ª) Como essas verdades se aplicam hoje?
- 2ª) O que preciso alinhar com a verdade desse ensino?
- 3ª) Qual o recurso que a redenção proveu por meio da nova natureza para eu viver essa verdade de Cristo em minha vida?

# 3ª SEMANA Janeiro

## Ensino sobre o Sábado

*Por aquele tempo, Jesus estava caminhando pelos campos de cereal, num sábado. Seus discípulos, sentindo fome, começaram a colher espigas e comê-las. Alguns fariseus os viram e protestaram: “Veja, seus discípulos desobedecem à lei colhendo cereal no sábado!”. Jesus respondeu: “Vocês não leram nas Escrituras o que fez Davi quando ele e seus companheiros tiveram fome? Ele entrou na casa de Deus e, com seus companheiros, comeram os pães sagrados que só os sacerdotes tinham permissão de comer. E vocês não leram na lei de Moisés que os sacerdotes de serviço no templo podem trabalhar no sábado? Eu lhes digo: há alguém aqui maior que o templo! Vocês não teriam condenado meus discípulos inocentes se soubessem o significado das Escrituras: 'Quero que demonstrem misericórdia, e não que ofereçam sacrifícios'. Pois o Filho do Homem é senhor até mesmo do sábado”.*  
(Mateus 12:1-8)

### Contextualização

O sábado judaico tinha se transformado numa ferramenta de opressão nas mãos dos legalistas. Em vez de ser um deleite para o homem, o sábado se tornara o carrasco do homem. Tornara-se um fardo insuportável em vez de um elemento terapêutico. John Charles Ryle diz, corretamente, que Jesus não aboliu a lei do sábado. Tão somente ele a liberou das interpretações incorretas, purificando-a de adições inventadas pelos homens. Jesus não arrancou do Decálogo o quarto mandamento. Apenas o desnudou das miseráveis tradições pelas quais os fariseus haviam incrustado o dia, transformando-o em uma carga insuportável, em vez de ser uma bênção.

Deus deu a lei do sábado a Israel no Sinai (Ne 9.13,14) e fez desse dia um sinal entre ele e a nação (Ex 20.8-11; 31.12-17). O sábado é uma lembrança da conclusão da “antiga criação”, enquanto o dia do Senhor lembra a obra consumada do Senhor em sua “nova criação”. O sábado refere-se ao descanso depois do trabalho e é relacionado à lei, enquanto o dia do Senhor se refere ao descanso antes do trabalho e é relacionado à graça. O sábado era sombra (Os 2.11), e a realidade é Cristo (Cl 2.16,17). Jesus foi categórico ao afirmar que o sábado foi criado para o homem, e não o homem para o sábado (Mc 2.27). No propósito de Deus, o sábado é uma instituição da misericórdia, que deve servir ao ser humano para o bem, para repouso e restauração (Dt 3.14; Êx 23.12), para bênção e santificação. Deus deseja abençoar, presentear e alegrar por intermédio do sábado. O sábado deve servir para o ser humano como repouso e equilíbrio da alma. Os fariseus, porém, distorciam o benefício de Deus, transformando-o em flagelo.

Os evangelhos registram sete confrontos entre Jesus e os fariseus a respeito do sábado (12.1-8,9-14; Lc 13.10-17; 14.1-6; Jo 5.1-9; 7.21-24; 9.1-41). As leis que cresceram em volta do sábado eram volumosas. Essas leis estavam oprimindo as pessoas em vez de oferecer a elas um descanso para a alma. As cercas do sábado, conforme construídas pelos fariseus, evoluíram de tal forma que impediam os atos de misericórdia e até mesmo condenavam aqueles que

realizavam esses atos, enquanto Deus sempre colocou a compaixão acima do ritual. Por essa causa, os fariseus, ao verem os discípulos de Jesus colhendo e comendo espigas nas searas no dia de sábado, debulhando-as com as mãos (12.1,2; Mc 2.23; Lc 6.1), advertiram Jesus nesses termos: Eis que os teus discípulos fazem o que não é lícito fazer em dia de sábado (12.2). Em face dessa posição legalista dos fariseus, Jesus aproveitou o ensejo para ensinar preciosas lições, como vemos a seguir.

Em primeiro lugar, os discípulos não estavam fazendo algo proibido pela lei (12.1,2). A prática de colher espigas nas searas para comer estava rigorosamente em conformidade com a lei de Moisés (Dt 23.24,25). Mas os escribas e fariseus estavam escondendo a verdadeira lei de Deus debaixo da montanha de tradições tolas que eles tinham fabricado. Eles haviam acrescentado à lei 39 regras sobre a maneira de guardar o sábado, tornando a sua observância um fator escravizante e opressor.

Em segundo lugar, o conhecimento da Palavra de Deus nos liberta da opressão do legalismo (12.3,4). Spurgeon está certo quando diz que comer o pão santo por blasfêmia, gracejo ou leviandade poderia ser a causa da morte do transgressor, mas fazê-lo por necessidade urgente não foi censurável no caso de Davi. Por isso, Jesus combate o legalismo com as Escrituras.

Em terceiro lugar, o exercício da misericórdia é mais importante do que a oferta de sacrifícios (12.5-7). Concordo com Robert Mounce quando ele diz que Jesus não tem o propósito de rebaixar a lei cerimonial ao compará-la com a lei moral. A questão é que os atos de bondade assumem precedência sobre os ritos religiosos, quando a pessoa precisar tomar uma decisão em determinada situação. O reino de Deus tem importância superior à legislação cerimonial, a qual meramente preparou o caminho para a chegada desse reino. Concordo com as palavras de Sproul: “Quando houver conflito entre ritual e misericórdia, sempre devemos escolher misericórdia”.

Em quarto lugar, o senhorio de Cristo traz liberdade, e não escravidão (12.8). Jesus é maior do que o templo (12.6) e também é o Senhor do sábado. Seu senhorio não é escravizante nem opressor. O legalismo é um caldo mortífero que envena, asfixia e mata as pessoas. Ele é vexatório e massacrante. Chegou a ponto de transformar o que Deus criou para aliviar o homem, o sábado, num tirano cruel. O governo de Jesus traz liberdade e alegria. Agostinho disse que, quanto mais servos de Cristo somos, mais livres nos sentimos. Jesus é maior que o templo (12.6), maior do que Jonas (12.41), maior do que Salomão (12.42). Ele é o Senhor do sábado (12.8).

## Perguntas para reflexão

- 1ª) Como essas verdades se aplicam hoje?
- 2ª) O que preciso alinhar com a verdade desse ensino?
- 3ª) Qual o recurso que a redenção proveu por meio da nova natureza para eu viver essa verdade de Cristo em minha vida?



## Ensino sobre a blasfêmia contra o Espírito Santo

*Então levaram até Jesus um homem cego e mudo que estava possuído por um demônio. Jesus o curou, e ele passou a falar e ver. Admirada, a multidão perguntou: “Será que este homem é o Filho de Davi?”. No entanto, quando os fariseus souberam do milagre, disseram: “Ele só expulsa demônios porque seu poder vem de Belzebu, o príncipe dos demônios”. Jesus conhecia os pensamentos deles e respondeu: “Todo reino dividido internamente está condenado à ruína. Uma cidade ou família dividida contra si mesma se desintegrará. Se Satanás expulsa Satanás, está dividido e luta contra si mesmo. Seu reino não sobreviverá. Se eu expulso demônios pelo poder de Belzebu, o que dizer de seus discípulos? Eles também expulsam demônios, de modo que condenarão vocês pelo que acabaram de dizer. Mas, se expulso demônios pelo Espírito de Deus, então o reino de Deus já chegou até vocês. Afinal, quem tem poder para entrar na casa de um homem forte e saquear seus bens? Somente alguém ainda mais forte, alguém capaz de amarrá-lo e saquear sua casa. “Quem não está comigo opõe-se a mim, e quem não trabalha comigo na verdade trabalha contra mim. “Por isso eu lhes digo: todo pecado e toda blasfêmia serão perdoados, mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada. Quem falar contra o Filho do Homem será perdoado, mas quem falar contra o Espírito Santo não será perdoado, nem neste mundo nem no mundo por vir (Mateus 12:22-32).*

### Contextualização

O que não é a blasfêmia contra o Espírito Santo. Elencamos a seguir seis fatos que não podem ser confundidos com a blasfêmia contra o Espírito Santo. Em primeiro lugar, não é a incredulidade final. Não obstante o fato de que a incredulidade até a hora da morte seja um pecado imperdoável, visto que não há oportunidade de salvação depois da morte, o contexto prova que Jesus está dizendo que o pecado imperdoável é um pecado que se comete não no leito da enfermidade, mas antes da morte. Em segundo lugar, não é rechaçar por um tempo a graça de Deus. Muitas pessoas vivem na ignorância, na desobediência por longos anos, e depois são convertidas ao Senhor. Em terceiro lugar, não é a negação de Cristo. Paulo perseguiu a Cristo (At 9.4). Pedro negou a Cristo (26.69-75). Os irmãos de Cristo no início não criam nele (Jo 7.5). Em quarto lugar, não é a negação da divindade do Espírito Santo. Se assim fosse, nenhum ateu poderia ser convertido. Em quinto lugar, não é a mesma coisa que os pecados contra o Espírito Santo. A Palavra de Deus menciona alguns pecados contra o Ele, que não são a blasfêmia contra ele. 1) Não é entristecer o Espírito Santo (Ef 4.30). 2) Não é apagar o Espírito Santo (ITs 5.19). 3) Não é resistir ao Espírito Santo (At 7.51). 4) Não é mentir ao Espírito Santo (At 5.3). Em sexto lugar, não é a queda dos salvos. Os salvos não podem blasfemar contra o Espírito Santo, pois quem o pratica é réu de pecado eterno (Mc 3.29), enquanto o ensino claro das Escrituras é que, uma vez salvo, salvo para sempre (Jo 10.28).

O que é a blasfêmia contra o Espírito Santo. A palavra “blasfêmia” significa injuriar,

caluniar, vituperar, difamar, falar mal. A blasfêmia contra o nome de Deus era um pecado imperdoável no Antigo Testamento (Lv 24.10-16). A blasfêmia contra o Espírito é a atitude consciente e deliberada de negar a obra de Deus em Cristo pelo poder do Espírito, e atribuir o que Cristo faz ao poder de Satanás. O pecado imperdoável é uma espécie de apostasia total.

Tendo em vista essas considerações preliminares, vamos agora nos deter na exposição do texto bíblico em apreço. Destacamos a seguir alguns pontos. Em primeiro lugar, a libertação do endemoninhado (12.22). Ao sair o demônio, o homem passou a ver e a falar. Os demônios não podem resistir à autoridade de Jesus, e a enfermidade não pode resistir ao poder dele. Em segundo lugar, a admiração da multidão (12.23). Diante do poder extraordinário de Jesus para curar e libertar, a multidão, tomada de admiração, interroga: *E este, porventura, o filho de Davi?* Os sinais operados por Jesus eram uma confirmação de seu messiado. Em terceiro lugar, a acusação dos fariseus (12.24). Qual foi o teor da acusação dos fariseus? *Este não expelle demônios senão pelo poder de Belzebu, maioral dos demônios* (12.24). Em vez de os líderes religiosos se alegrarem por ter Deus enviado o redentor, eles se rebelaram contra o Cristo de Deus e difamaram sua obra, atribuindo-a a Satanás. Em quarto lugar, a refutação de Jesus (12.25-28). Jesus refutou o argumento dos escribas contando-lhes duas parábolas com o mesmo significado: o reino dividido e a casa dividida. Com essas duas parábolas, Jesus mostra quanto o argumento dos escribas era ridículo e absurdo. Satanás estaria destruindo sua própria obra e derrubando seu próprio império. Não há poder onde há divisão. Satanás junta suas forças e não trabalha contra si mesmo. Em quinto lugar, a explicação de Jesus (12.29,30). Jesus explica sua vitória sobre os demônios e Satanás: *Ou como pode alguém entrar na casa do valente e roubar-lhe os bens sem primeiro amarrá-lo? E, então, lhe saqueará a casa* (12.29). Não há libertação para o homem a não ser pela vitória de Jesus sobre Satanás.

Concluindo, destacamos três implicações a seguir. Primeiro, evitar o julgamento. Devemos hesitar em sermos dogmáticos em nossas afirmações sobre aqueles que cruzaram essa linha divisória da paciência de Deus. Devemos deixar essa decisão com Deus. Somente Deus sabe se e quando alguém ultrapassa essa linha do pecado para morte. Segundo, evitar o desespero. Muitos crentes ficam angustiados e preocupados de terem cometido esse pecado imperdoável. Quem comete esse pecado, jamais sente tristeza por ele. O medo excruciante de pensar ter cometido o pecado imperdoável é, por si só, evidência de que tal pessoa não o cometeu. Terceiro, evitar a leviandade. Aqueles que zombam de Deus e da sua graça podem cruzar essa linha invisível e perecerem para sempre.

Aplicação

### Perguntas para reflexão

- 1ª) Como essas verdades se aplicam hoje?
- 2ª) O que preciso alinhar com a verdade desse ensino?
- 3ª) Qual o recurso que a redenção proveu por meio da nova natureza para eu viver essa verdade de Cristo em minha vida?

## Ensino sobre as palavras e o coração

*“Uma árvore é identificada por seus frutos. Se a árvore é boa, os frutos serão bons. Se a árvore é ruim, os frutos serão ruins. Raça de víboras! Como poderiam homens maus como vocês dizer o que é bom e correto? Pois a boca fala do que o coração está cheio. A pessoa boa tira coisas boas do tesouro de um coração bom, e a pessoa má tira coisas más do tesouro de um coração mau. Eu lhes digo: no dia do juízo, vocês prestarão contas de toda palavra inútil que falarem. Por suas palavras vocês serão absolvidos, e por elas serão condenados”. (Mateus 12:33-37)*

### Contextualização

A árvore determina o fruto, e o fruto revela a natureza da árvore. Concordo com Hendriksen quando ele escreve: “Fruto e árvore vão juntos. Não devem separar-se”. As palavras diagnosticam o coração, e o coração se faz conhecido pelas palavras. O fruto revela a árvore, e a boca revela o coração (12.33-37). Jesus usa duas figuras para ilustrar a verdade de que a nossa natureza revela as nossas ações, e as nossas palavras são a radiografia do nosso coração. Depois, faz um alerta. Vejamos essas duas figuras a seguir.

Em primeiro lugar, os frutos revelam a natureza da árvore (12.33). Uma árvore é boa ou má. Se é boa, produz bons frutos; se é má, produz frutos maus. Não se colhem figos de espinheiros nem se vindimam uvas de abrolhos. Uma árvore sempre produzirá frutos segundo a sua natureza. Uma laranjeira não é laranjeira porque produz laranjas; ela produz laranjas porque é laranjeira. E de sua natureza produzir laranjas, e não mangas. Assim também são a conduta, as palavras e as ações de um homem: refletem a sua natureza. A conduta é o grande teste do caráter.

Em segundo lugar, as palavras revelam o que está no coração (12.34,35). O coração de uma pessoa é um reservatório, um armazém. É como um tesouro bom ou mau. O homem bom tira do bom tesouro o bem; o homem mau tira do mau tesouro o mal. Da mesma forma, o homem tira do coração suas palavras, pois a boca fala do que está cheio o coração. Tentar encobrir a sujeira do coração com palavras bonitas é hipocrisia. E o mesmo que tentar encontrar as virtudes mais nobres nos abismos mais profundos da iniquidade. A conversa de um homem revela o estado de seu coração.

É algo evidente que não há nada tão revelador como as palavras. Não precisamos falar muito tempo com alguém para descobrir se sua mente é pura ou não. Não precisamos ouvi-lo durante muito tempo para descobrir se tem uma mentalidade generosa e amável ou uma mente cruel, indiferente, crítica. Não precisamos ouvir durante muito tempo a alguém que prega ou ensina para descobrir se sua mente é clara e lúcida ou confusa e complicada. Revelamos continuamente o que somos mediante o que dizemos.

As palavras que alguém pronuncia em seus momentos de descuido, as que diz sem pensar, as que emite quando desaparecem as barreiras das convenções sociais, essas palavras são as que mostram o que realmente é. Como diz Plummer: "A palavra que se diz com muito cuidado pode ser uma hipocrisia calculada." Quando alguém está em guarda de maneira consciente, terá muito cuidado com o que diz e como o diz. Mas quando não se cuida, quando

não se preocupa com o que diz, suas palavras revelam sua personalidade. É muito possível que as palavras que um homem pronuncia em público sejam finas e nobres, e que suas conversações particulares sejam grosseiras e injuriosas. Em público escolhe com cuidado o que diz, em particular deixa cair todas as barreiras e de seus lábios pode sair qualquer tipo de palavras. Nossas palavras desvendam as profundezas da nossa alma. Nossas palavras trazem à luz as camadas abissais do nosso coração. Se o que está no coração é bom, o excedente que vaza será bom; se o conteúdo do ser interior é ruim, o que vaza pela boca será também ruim.

Em terceiro lugar, nossas palavras testemunharão contra nós no tribunal de Deus (12.36,37). No dia do juízo, as palavras frívolas que proferimos se levantarão contra nós. Essas palavras serão testemunhas de acusação ou de defesa. Justificar-nos-ão ou nos condenarão. Nossas palavras podem dar vida ou matar (Pv 18.21). Nossa língua tem o poder de dirigir como um leme de um navio ou como o freio de um cavalo. Também tem o poder de destruir como veneno ou como fogo. Ainda, a língua pode ser uma fonte de águas doces ou amargas. Precisamos usar nossas palavras para abençoar, e não para maldizer; para edificar a vida alheia, e não para denegri-la; para promover o bem, e não para espalhar o mal; para glorificar a Deus, e não para blasfemar contra seu nome.

Cada homem deve analisar-se a si mesmo. Deve examinar suas palavras para poder descobrir o estado de seu coração. E deve recordar que Deus não o julga pelas palavras que pronuncia com cuidado e premeditação, mas sim pelas que pronuncia quando desapareceram todas as barreiras convencionais e os verdadeiros sentimentos de seu coração aparecem na superfície.

### **Perguntas para reflexão**

- 1ª) Como essas verdades se aplicam hoje?
- 2ª) O que preciso alinhar com a verdade desse ensino?
- 3ª) Qual o recurso que a redenção proveu por meio da nova natureza para eu viver essa verdade de Cristo em minha vida?

## Ensino sobre o sinal de Jonas

*Alguns dos mestres da lei e fariseus vieram a Jesus e disseram: “Mestre, queremos que nos mostre um sinal de sua autoridade”. Jesus, porém, respondeu: “Vocês pedem um sinal porque são uma geração perversa e adúltera, mas o único sinal que lhes darei será o do profeta Jonas. Pois, assim como Jonas passou três dias e três noites no ventre do grande peixe, o Filho do Homem ficará três dias e três noites no coração da terra. “No dia do juízo, os habitantes de Nínive se levantarão contra esta geração e a condenarão, pois eles se arrependeram de seus pecados quando ouviram a mensagem anunciada por Jonas; e vocês têm à sua frente alguém maior que Jonas! A rainha de Sabá também se levantará contra esta geração no dia do juízo e a condenará, pois veio de uma terra distante para ouvir a sabedoria de Salomão; e vocês têm à sua frente alguém maior que Salomão! (Mateus 12:38-42)*

### Contextualização

Os escribas e fariseus ouviram muitos ensinamentos e viram muitos milagres, mas a perversidade persiste. Querem sinais. Desejam provas. Buscam evidências. Só que eles não estavam vendo por falta de luz, mas por falta de olhos espirituais. Eram cegos. Eles estavam perdendo a grande oportunidade de ouvir com os ouvidos da alma e ver com os olhos da fé. O filho de Deus estava entre eles, e ainda estavam agarrados à incredulidade. O Messias havia chegado, e eles ainda queriam mais sinais. A lei e os profetas apontavam para Jesus, que estava entre o povo fazendo o bem e libertando os oprimidos do diabo. João Batista preparou o caminho de sua chegada e apontou para ele, dizendo: *Eis o cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo (Jo 1.29), mas os seus não o receberam (Jo 1.11).*

A expulsão de demônios não era para eles uma legitimação divina suficiente de sua condição de Messias. Eles queriam um sinal do céu. A exigência do sinal, porém, era tão somente um pretexto para justificar sua incredulidade. Jesus já tinha curado enfermos, purificado leprosos, ressuscitado mortos e eles ainda se mantinham reféns de seu coração endurecido. Até mesmo quando Jesus estava dependurado no madeiro, disseram sobre ele: *Desça da cruz e creremos nele.* O problema deles, entretanto, não era evidência suficiente, mas cegueira incorrigível. Queriam ver Deus no incomum. Esqueciam que nunca estamos mais perto de Deus e Deus nunca se manifesta tão perto de nós de modo tão contínuo como nas coisas mais simples de todos os dias. O mestre usa duas ilustrações para mostrar a cegueira dos escribas e fariseus: Jonas (12.38-41) e Salomão (12.42).

**1) Jonas** — a morte, o sepultamento e a ressurreição de Jesus nos confrontam (12.38-41).

Os escribas e fariseus pediram um sinal a Jesus. Ao apresentarem sua solicitação, observam as formas exteriores da cortesia e do respeito. Tal polidez, contudo, não passava de mera aparência. Esses homens odiavam Jesus. Queriam uma prova incontestável de que, de fato, ele era o Messias, mesmo depois de tantas evidências e provas. Queriam algo emocionante, excitante, sensacional, um sinal do céu. Jesus deu-lhes o sinal de Jonas, que representa sua morte, sepultamento e ressurreição. E a morte e a ressurreição de Jesus que

provam incontestavelmente que ele é o Messias, o filho de Deus (Rm 1.4), e foi isso que Pedro pregou a Israel no dia de Pentecostes (At 2.22-36). O testemunho da igreja primitiva girava em torno da ressurreição de Jesus (At 1.22; 3.15; 5.30-32; 13.32,33). Jonas era um milagre vivo, como também o é o nosso Senhor. Jonas foi um sinal para os ninivitas, assim como o filho do homem o seria para essa geração (12.40). Da mesma forma que Jonas passou no ventre do grande peixe três dias e três noites (Jn 1.17), Jesus também passou no ventre da terra. A evidência mais eloquente de que Jesus era o Messias não eram seus sinais espetaculares nem seus milagres estupendos, mas sua morte, seu sepultamento e sua ressurreição. Jesus diz que, no dia do juízo, os ninivitas se levantarão para condenar essa geração (12.41), pois aqueles atenderam à pregação de Jonas e se arrependeram, mas Jesus, sendo maior do que Jonas, não foi ouvido por sua geração, que permaneceu incrédula e perversa. Pessoas menos iluminadas obedeceram a uma pregação menos iluminada; pessoas muito mais iluminadas, porém, negaram-se a obedecer à luz do mundo.

**2) Salomão** — a sabedoria de Jesus nos confronta (12.42).

A ênfase desse versículo não está nas obras de um profeta, mas na sabedoria de um rei. A rainha do sul, a rainha de Sabá, se levantará no juízo para condenar aquela geração, pois fez uma longa viagem, dos confins da terra, para ouvir a sabedoria de Salomão (IRs 10). Sendo Jesus maior do que Salomão, não creram em suas palavras, mesmo ele estando entre eles. As duas figuras usadas por Jesus abrangiam os gentios. Os ninivitas gentios, ao ouvirem Jonas, arrependeram-se e foram poupados. A rainha de Sabá, sendo gentia, ao ouvir as palavras do rei Salomão, maravilhou-se e creu. Se, com todos os seus privilégios, os judeus não se arrependem, o povo de Nínive e a rainha de Sabá testemunharão contra eles no julgamento final.

Em Jesus nos confrontamos com Deus; e a única pergunta autêntica que podemos nos fazer na vida é a seguinte: "Qual é nossa reação quando nos confrontamos com Deus em Jesus Cristo?" Acaso é uma aberta hostilidade, como foi com os escribas e fariseus? Ou é uma aceitação humilde da advertência de Deus e sua verdade, como no caso do povo de Nínive e da rainha de Sabá? A pergunta fundamental da vida é: "O que você pensa de Cristo?"

## Perguntas para reflexão

1ª) Como essas verdades se aplicam hoje?

2ª) O que preciso alinhar com a verdade desse ensino?

3ª) Qual o recurso que a redenção proveu por meio da nova natureza para eu viver essa verdade de Cristo em minha vida?

## Ensino sobre os espírito imundos

*“Quando um espírito impuro deixa uma pessoa, anda por lugares secos à procura de descanso, mas não o encontra. Então, diz: 'Voltarei à casa da qual saí'. Ele volta para sua antiga casa e a encontra vazia, varrida e arrumada. Então o espírito busca outros sete espíritos, piores que ele, e todos entram na pessoa e passam a morar nela, e a pessoa fica pior que antes. Assim acontecerá com esta geração perversa”.*

*(Mateus 12:43-45)*

### Contextualização

Jesus trata aqui de um homem que foi liberto de um espírito imundo, mas deixou de comprometer-se com Deus. O demônio que saiu do homem ainda o chama de “minha casa”. O demônio saiu, mas o Espírito Santo não entrou. A vida tornou-se melhor, mas a transformação não aconteceu. Então, o demônio que saiu, ao ver a casa vazia, varrida e ornamentada, voltando com outros sete demônios, piores do que ele, vem e habita naquele homem, e o seu último estado torna-se pior do que o primeiro. A palavra grega katoichei, traduzida aqui por “habitar”, significa “estabelecer-se”, “viver permanentemente”. Nesta pequena e compacta parábola a respeito da casa invadida encontramos todo um mundo da verdade mais prática.

Em primeiro lugar, devemos notar que o espírito imundo é expulso do homem, não destruído. Isso quer dizer que no momento atual se pode vencer o mal, pode-se rechaçá-lo, expulsá-lo; mas não se pode destruí-lo. O mal sempre está à espreita da oportunidade para contra-atacar e para reconquistar o terreno que perdeu. O mal é uma força que foi afastada, mas não eliminada.

Em segundo lugar, isso significa que uma religião negativa nunca é suficiente. Uma religião que consiste em *Não farás...*, está condenada ao fracasso. O problema com uma religião desse tipo é que pode limpar a um homem, mediante proibições sobre todos os maus hábitos e atitudes, mas não pode mantê-lo limpo. Apliquemos isto à prática cotidiana. Pode-se reformar a um bêbado, ele pode decidir que não voltará a passar o dia no bar, mas deve encontrar outra coisa para fazer, deve encontrar algo em que ocupar o tempo livre, do contrário voltará a cair em seus maus hábitos. Um homem cuja preocupação constante foi o prazer pode decidir terminar com esse tipo de vida. Mas deve encontrar algo com o que ocupar sua vida e seu tempo, do contrário, devido ao vazio que encontra em sua vida, voltará a suas aventuras. A vida do homem não só se deve esterilizar do mal, deve frutificar no bem. Sempre será certo que "Satanás sempre encontra alguma coisa má para que as mãos ociosas o façam". E se faz desaparecer um tipo de atitude, é preciso substituí-la por outro, porque a vida não pode permanecer vazia. Muitas pessoas pensam que, pelo fato de não fumarem, não beberem, não adulterarem, não fazerem falso juramento, já são por isso cristãs. Mas uma série de zeros não faz um cristão. Um milhão de negativas não produz sequer um positivo. Uma pessoa com a mente vazia é digna de lástima. Nas questões espirituais, não avançar equivale a retroceder.

Em terceiro lugar, de maneira que de tudo isto se conclui que a única cura real e permanente para a ação má é a ação cristã. Qualquer ensino que se limita a dizer ao homem o

que não deve fazer está condenado ao fracasso; deve continuar dizendo a ele o que deve fazer. A enfermidade fatal é o tempo livre; até o tempo livre esterilizado em pouco tempo se infectará. A forma mais fácil de dominar as coisas ruins que crescem no jardim é enchê-lo com coisas úteis, embora sejam só batatas. A forma mais fácil de manter uma vida livre de pecado é enchendo-a com uma ação sã.

Para dizê-lo de uma maneira simples: a Igreja manterá com maior facilidade ao que se convertem se lhes dá um trabalho cristão para fazer. Nosso objetivo não é a mera ausência negativa de ações más; é a presença positiva de vida e obras para Cristo. Se sentimos que as tentações do mal são muito poderosas, uma das melhores maneiras de vencê-las é esquecendo-as e envolvendo-nos em alguma atividade para Deus e para nosso próximo.

### **Perguntas para reflexão**

1ª) Como essas verdades se aplicam hoje?

2ª) O que preciso alinhar com a verdade desse ensino?

3ª) Qual o recurso que a redenção proveu por meio da nova natureza para eu viver essa verdade de Cristo em minha vida?



## Ensino sobre a verdadeira família

*Enquanto Jesus falava à multidão, sua mãe e seus irmãos estavam do lado de fora, pedindo para falar com ele. Alguém disse a Jesus: “Sua mãe e seus irmãos estão lá fora e querem falar com o senhor”. Jesus respondeu: “Quem é minha mãe? Quem são meus irmãos?”. Então apontou para seus discípulos e disse: “Vejam, estes são minha mãe e meus irmãos. Quem faz a vontade de meu Pai no céu é meu irmão, minha irmã e minha mãe”. (Mateus 12:46-50)*

### Contextualização

Mateus conclui a sua temática sobre a suprema importância de praticar a Palavra, trazendo a lume um episódio ocorrido com a família de sangue de Jesus. Satanás não se importa com o fato de aprendermos verdades bíblicas, desde que não vivamos de acordo com elas. A verdade que permanece na mente é apenas acadêmica e não chegará ao coração se não for praticada pela vontade.

Robert Mounce tem razão ao dizer que não apenas os religiosos judeus, mas até a própria família de Jesus, falharam em não entender sua missão e sua mensagem. A mãe de Jesus e seus irmãos, preocupados com o bem-estar dele, em virtude da esmagadora demanda de seu ministério, foram ao seu encontro. Alguns de seus amigos já haviam dito que ele estava fora de si (Mc 3.21). Como em tantas ocasiões, havia uma multidão à porta, fazendo uma espécie de cordão de isolamento. Eles não puderam se aproximar. Então, mandaram um recado para Jesus, dizendo que sua mãe e seus irmãos estavam do lado de fora e queriam vê-lo. Nesse momento, Jesus aproveita o ensejo para concluir seu ensino sobre a supremacia da Palavra, dizendo aos circunstantes: *Quem é minha mãe e quem são meus irmãos? E, estendendo a mão para os discípulos, disse: Eis minha mãe e meus irmãos. Porque qualquer que fizer a vontade de meu Pai celeste, esse é meu irmão, irmã e mãe (12.48-50).*

Com isso, Jesus não estava desmerecendo sua família de sangue; estava, sim, enaltecendo privilégio ainda maior, o de ouvir e praticar a Palavra de Deus. Mais importante do que ter feito parte da família de sangue de Jesus é participar de sua família espiritual e ser membro da família de Deus. Os familiares espirituais Ihe estão mais próximos que os parentes de sangue.

Concordo com Charles Spurgeon quando ele diz que todos os crentes em Jesus fazem parte da família real, são feitos príncipes e irmãos de Cristo. Reafirmamos que é acima de qualquer suspeita que Jesus não está repudiando sua família. Ele pensou em sua mãe até mesmo quando estava pendurado na cruz, na agonia de realizar a redenção do mundo (Jo 19.26,27). O que ele quer dizer é que nosso dever diante de Deus deve tomar precedência sobre as demais coisas. Concordo com William Hendriksen quando ele escreve: “Os laços espirituais são muito mais importantes do que os laços físicos”.

Com muita frequência tem acontecido que quando alguém embarcou no caminho de Jesus, aqueles que estavam mais perto dele e que mais o amavam não o compreenderam e inclusive o trataram com hostilidade. "Os únicos parentes de um cristão" disse um dos

primeiros mártires, "são os santos." Muitos dos primeiros quakers sofreram esta amarga experiência. Quando Edward Burroughs começou a viver a nova vida, "seus pais, que se sentiam incomodados por seu 'espírito fanático' expulsaram-no de sua casa." Rogou com humildade a seu pai: "Permita ficar e ser seu servo. Farei o trabalho do moço a quem emprega. Permita ficar!" Mas, como diz seu biógrafo, "Seu pai permanecia impassível, e por muito que o moço amava sua casa e sua vizinhança, não deveria tornar a vê-los." A verdadeira amizade e o amor autêntico se apoiam sobre certas coisas sem as quais não podem existir.

Primeiro, a amizade se fundamenta sobre um ideal comum. Pessoas que provêm de ambientes muito diferentes, com estruturas mentais e métodos muito distintos podem ser muito amigos se tiverem diante de si um ideal comum para o qual trabalham e para o qual se inclinam. O ideal é o laço que os une.

Em segundo lugar, a amizade se apoia sobre uma experiência comum, e sobre as lembranças que traz essa experiência. A verdadeira amizade começa quando duas pessoas passaram juntos por uma experiência profunda e podem voltar seu olhar uma para a outra.

Por último, o verdadeiro amor se apoia sobre a obediência e nada mais. "*Vós sois meus amigos*", disse Jesus, "*se fazeis o que eu vos mando*" (João 15:14). Não há outra forma de demonstrar a realidade do amor a não ser pelo espírito de obediência. Por todas estas razões é que nem sempre o parentesco autêntico é uma questão de relação de carne e sangue. É certo que o sangue é um laço que nada pode quebrar, e é certo que são muitos os homens que encontram sua alegria e sua paz no círculo de suas famílias. Mas também é certo, que às vezes, aqueles que estão mais perto de alguém e que mais o querem, são os que menos o compreendem, e que essa pessoa encontra sua verdadeira comunhão com quem trabalha por um mesmo ideal e compartilham uma mesma experiência. Sobre isto não cabe nenhuma dúvida – embora um cristão descubra que aqueles que deveriam estar mais perto dele são os que menos simpatizam com ele, sempre pode estar seguro da companhia de Jesus Cristo e daqueles que amam ao Senhor.

### Perguntas para reflexão

- 1ª) Como essas verdades se aplicam hoje?
- 2ª) O que preciso alinhar com a verdade desse ensino?
- 3ª) Qual o recurso que a redenção proveu por meio da nova natureza para eu viver essa verdade de Cristo em minha vida?

# 1ª SEMANA

## Março

## Ensino sobre os corações

*Mais tarde, naquele mesmo dia, Jesus saiu de casa e sentou-se à beira-mar. Logo, uma grande multidão se juntou ao seu redor. Então ele entrou num barco, sentou-se e ensinou o povo que permanecia na praia. Jesus contou várias parábolas, como esta: “Um lavrador saiu para semear. Enquanto espalhava as sementes pelo campo, algumas caíram à beira do caminho, e as aves vieram e as comeram. Outras sementes caíram em solo rochoso e, não havendo muita terra, germinaram rapidamente, mas as plantas logo murcharam sob o calor do sol e secaram, pois não tinham raízes profundas. Outras sementes caíram entre espinhos, que cresceram e sufocaram os brotos. Ainda outras caíram em solo fértil e produziram uma colheita trinta, sessenta e até cem vezes maior que a quantidade semeada. Quem é capaz de ouvir, ouça com atenção!”(Mateus 13:1-9)*

### Contextualização

Jesus deixa claro que as parábolas são janelas abertas para uns e uma porta fechada para outros. Assim, por meio de parábolas, Jesus revelou o mistério do reino de Deus. As parábolas tanto revelam como ocultam a verdade. São uma mina de informações para os sinceros, mas um juízo sobre os descuidados. Quem não compreender a mensagem da parábola do semeador, não poderá alcançar o significado espiritual das demais. Essa parábola precisa de aplicação, e não de explicação. A maioria daquelas pessoas que seguia Cristo não produziria frutos dignos de arrependimento. O coração delas era uma espécie de solo pobre. A parábola mostra quatro tipos de solo, que simbolizam quatro tipos de resposta à Palavra de Deus. Vejamos.

O primeiro, um coração endurecido ouve a Palavra, mas não a compreende (13.19). É o coração inquieto e perturbado com a passagem e o tropel das coisas do mundo, umas que vão, outras que vêm, outras que atravessam e todas que passam, e nele é pisada a Palavra de Deus. Esse ouvinte é o homem indiferente que a rotina da vida insensibilizou. Essa pessoa conforma-se com o rodar dos carros e a passagem dos homens, e vai vivendo a vida sem abrir sulcos na alma para a bendita semente da verdade. John MacKay diz que, para muitos homens, o mais sério de todos os problemas é não perceber nenhum problema. Eles estão satisfeitos consigo mesmos. Nesses, a mensagem bate nele e volta. Aqueles que abrem o coração para todo tipo de pessoas e influências estão em perigo de desenvolver um coração insensível. E um coração endurecido é onde a semente é roubada pelo diabo para que o ouvinte não creia e seja salvo. Onde o semeador sai a semear, Satanás sai para roubar a semente. A evangelização é não apenas um campo de semeadura, mas também um campo de batalha espiritual.

O segundo tipo, no solo rochoso, a semente tem um início promissor, mas um final frustrante. Como podemos descrever esse solo? Como podemos caracterizar esse coração superficial? Essas pessoas agem “no calor do momento”. Elas imediatamente aceitam a Palavra (13.20) e o fazem até mesmo com alegria. Então, imediatamente se escandalizam (13.21). Sua decisão é baseada na emoção, e não na reflexão. São os ouvintes emotivos, entusiastas “fogos

de palha”; sentem alegria, mas passageira. Tanto sua resposta quanto seu abandono são rápidos. Esse ouvinte não tem raiz em si mesmo. Sua fé é temporária. Na verdade, sua resposta ao evangelho foi apenas externa. Não houve novo nascimento nem transformação de vida. Houve adesão, mas não conversão; entusiasmo, mas não convicção. A vida que o sol traz gera nele morte. Fica evidente que esse ouvinte não construiu sua fé em Cristo, mas nas vantagens imediatas que lhe foram oferecidas. As pessoas abraçam imediatamente esse evangelho do lucro, das vantagens imediatas, mas elas não perseveram, porque não têm raiz, não têm umidade, não suportam o sol, não permanecem na congregação dos justos. Elas se escandalizarão e se desviarão.

O terceiro tipo, coração com espinhos. Lucas diz que os espinhos cresceram com a semente (Lc 8.7). Essa semente disputou espaço com outras plantas. Ela não recebeu primazia; ao contrário, os espinhos concorreram com ela e a sufocaram (13.22). Marcos retrata esse coração como um campo de batalha disputado (Mc 4.19). O espírito do mundo o inunda como uma enxurrada e sufoca a semente da Palavra. Uma multiplicidade de interesses toma o lugar de Deus. Esse ouvinte não tem uma ordem de prioridade correta, pois são muitas as coisas que tratam de tirar Cristo do lugar principal. O mundo falou mais alto que o evangelho. Esse ouvinte dá mais valor à terra que ao céu, mais importância aos bens materiais que à graça de Deus. O dinheiro é o seu deus. A fascinação da riqueza fala mais alto que a voz de Deus. O esforço para conseguir posição social, por meio de posses e segurança material, traz ansiedade tal que sufoca as aspirações por Deus. Esse ouvinte é obcecado pelos prazeres da vida. Ele é um hedonista, e não um cristão.

O quarto tipo, é a boa terra. Aqui a semente abre-se para a vida e produz enorme colheita, a cem, a sessenta e a trinta por um. A boa terra, ou o coração receptivo, faz três coisas: ouve, recebe e pratica. Nesses dias tão agitados, poucos são os que param para ouvir a Palavra. Mais escassos são aqueles que meditam no que ouvem. Só os que ouvem e meditam podem colocar em prática a Palavra e frutificar. Essas pessoas são aquelas que verdadeiramente se arrependem do pecado, depositam sua confiança em Cristo, nascem de novo e vivem em santificação e honra. Elas aborrecem o pecado e a ele renunciam. Amam Cristo e servem a ele com fidelidade. Há uma constância na sua vida cristã. Essa pessoa não se desvia por causa das perseguições do mundo nem fica fascinada pelos prazeres mundanos e deleites da vida. Sua riqueza está no céu, e não na terra; seu prazer está em Deus, e não nos deleites da vida. Jesus deixa claro que, embora todas as sementes sejam frutíferas neste coração, nem todas produzem na mesma proporção. Há uma diferença no grau de frutificação.

Essa parábola, ensina-nos três conclusões. Primeiro, não devemos subestimar as forças opositoras à semente. Segundo, não devemos superestimar as respostas imediatas. Terceiro, não devemos subestimar o poder da Palavra.

## Perguntas para reflexão

- 1ª) Como essas verdades se aplicam hoje?
- 2ª) O que preciso alinhar com a verdade desse ensino?
- 3ª) Qual o recurso que a redenção proveu por meio da nova natureza para eu viver essa verdade de Cristo em minha vida?

# 2ª SEMANA

## Março

## Ensino sobre a razão das parábolas

*Os discípulos vieram e lhe perguntaram: “Por que o senhor usa parábolas quando fala ao povo?”. Ele respondeu: “A vocês é permitido entender os segredos do reino dos céus, mas a outros não. Pois ao que tem, mais lhe será dado, e terá em grande quantia; mas do que nada tem, até o que tem lhe será tirado. É por isso que uso parábolas: eles olham, mas não veem; escutam, mas não ouvem nem entendem. “Cumpra-se, desse modo, a profecia de Isaías que diz: 'Quando ouvirem o que digo, não entenderão. Quando virem o que faço, não compreenderão. Pois o coração deste povo está endurecido; ouvem com dificuldade e têm os olhos fechados, de modo que seus olhos não veem, e seus ouvidos não ouvem, e seu coração não entende, e não se voltam para mim, nem permitem que eu os cure'. “Felizes, porém, são seus olhos, pois eles veem; e seus ouvidos, pois eles ouvem. Eu lhes digo a verdade: muitos profetas e justos desejaram ver o que vocês têm visto e ouvir o que vocês têm ouvido, mas não puderam. (Mateus 13:10-17)*

### Contextualização

Este é o terceiro discurso de Jesus registrado por Mateus. Nele, Jesus conta sete parábolas para descrever o avanço espiritual do “reino dos céus” nesta era. Carlos Osvaldo Pinto diz que as duas parábolas iniciais lidam com a questão do estabelecimento do reino; as duas seguintes lidam com seu crescimento no mundo; a quinta e a sexta lidam com seu valor; e a última trata das responsabilidades dos discípulos no reino.

Jesus foi o mestre dos mestres e sabia disso (Jo 13.13). Como já dissemos, ele não foi um alfaiate do efêmero, mas o escultor do eterno. Foi o mestre por excelência, e isso por três motivos: pela grandeza de sua doutrina, pela irrepreensibilidade de seu exemplo e pela excelência de seus métodos. Jesus contou parábolas e histórias. Usou símbolos e imagens. Símbolos falam mais do que palavras, e imagens são mais eloquentes do que discursos. Quando Jesus falou sobre humildade, não fez um discurso, mas pegou uma criança nos braços. Quando falou sobre a influência do mal, não dragou os porões da iniquidade, mas disse que um pouco de fermento leveda a massa toda. Quando falou sobre a influência interna e externa da igreja, disse que seu povo é o sal da terra e a luz do mundo.

Jesus usou parábolas. O termo grego *parabolê* significa “colocar ao lado para medida ou comparação como parâmetro”. Mounce está correto quando diz que a parábola é uma história simples da vida diária que ilustra uma verdade ética ou religiosa. Tasker, porém, diz que Jesus adotou deliberadamente o método de ensinar por parábolas num particular estágio do seu ministério com o fim de reter a mais ampla verdade sobre ele e o reino do céu, privando disso as multidões que se tinham mostrado surdas às suas reivindicações e que não foram responsivas aos seus apelos. De agora em diante, quando Jesus se dirige à multidão incrédula, ele fala somente em parábolas (13.34), que privadamente interpreta para os seus discípulos. Resta claro, portanto, dizer que as parábolas do reino não são ilustrações gerais de verdades morais e espirituais fáceis de entender, mas elementos essenciais da revelação de Deus que se estava

efetuando concretamente na pessoa e na obra de Jesus, o Messias. William Hendriksen corrobora dizendo que o propósito de Jesus ao usar parábolas era ao mesmo tempo revelar e ocultar. Revelar de forma mais plena a verdade àqueles que aceitaram o mistério e ocultá-la daqueles que rejeitaram o óbvio, sendo ambos esses propósitos claramente indicados nessa passagem (13.10.17).

### **Perguntas para reflexão**

- 1ª) Como essas verdades se aplicam hoje?
- 2ª) O que preciso alinhar com a verdade desse ensino?
- 3ª) Qual o recurso que a redenção proveu por meio da nova natureza para eu viver essa verdade de Cristo em minha vida?

## Ensino sobre o trigo e o joio

*Esta foi outra parábola que Jesus contou: “O reino dos céus é como um agricultor que semeou boas sementes em seu campo. Enquanto os servos dormiam, seu inimigo veio, semeou joio no meio do trigo e foi embora. Quando a plantação começou a crescer, o joio também cresceu. “Os servos do agricultor vieram e disseram: 'O campo em que o senhor semeou as boas sementes está cheio de joio. De onde ele veio?'. “Um inimigo fez isso', respondeu o agricultor. “Devemos arrancar o joio?’, perguntaram os servos. “Não', respondeu ele. 'Se tirarem o joio, pode acontecer de arrancarem também o trigo. Deixem os dois crescerem juntos até a colheita. Então, direi aos ceifeiros que separem o joio, amarrem-no em feixes e queimem-no e, depois, guardem o trigo no celeiro’”... Em seguida, deixando as multidões do lado de fora, Jesus entrou em casa. Seus discípulos lhe pediram: “Por favor, explique-nos a história do joio no campo”. Jesus respondeu: “O Filho do Homem é o agricultor que planta as boas sementes. O campo é o mundo, e as boas sementes são o povo do reino. O joio são as pessoas que pertencem ao maligno, e o inimigo que plantou o joio no meio do trigo é o diabo. A colheita é o fim dos tempos, e os que fazem a colheita são os anjos. “Da mesma forma que o joio é separado e queimado no fogo, assim será no fim dos tempos. O Filho do Homem enviará seus anjos, e eles removerão do reino tudo que produz pecado e todos que praticam o mal e os lançarão numa fogueira ardente, onde haverá choro e ranger de dentes. Então os justos brilharão como o sol no reino de seu Pai. Quem é capaz de ouvir, ouça com atenção!” (Mateus 13:24-30 e 36-43)*

### Contextualização

Jesus explica, a pedido dos discípulos (13.36), o significado da parábola (13.37-39). O semeador aqui não é o crente alcançado pela graça, mas o filho do homem. O campo é o mundo. A boa semente aqui não é a Palavra, mas os filhos do reino; o joio, por sua vez, são os filhos do maligno. O inimigo que o semeou é o diabo; a ceifa é a consumação dos séculos; e os ceifeiros são os anjos. O diabo é um opositor da obra de Deus. Como ele não pode destruir o crente verdadeiro, a boa semente semeada na boa terra, ele planta no meio do povo de Deus o falso crente.

Warren Wiersbe alerta sobre essa realidade quando diz que devemos ter cuidado com as falsificações de Satanás, pois ele possui crentes falsos (2Co 11.26), que acreditam num evangelho falso (Gl 1.6-9). Ele estimula uma falsa justificação (Rm 10.1-3) e tem até mesmo uma igreja falsa (Ap 2.9). No final dos tempos, chegará ao cúmulo de produzir um falso cristo (2Ts 2.1-12).

Destacamos a seguir algumas lições. Em primeiro lugar, os crentes verdadeiros e os crentes falsos estão juntos na igreja visível (13.24-26). Os filhos do reino e os filhos do maligno estão presentes na igreja. Crescem juntos. Nem sempre é fácil distinguir um do outro. Eles têm algumas semelhanças. O crente verdadeiro foi plantado por Deus, mas o crente falso foi plantado pelo diabo. O crente verdadeiro é diferente do crente falso por sua origem e natureza.

O crente verdadeiro procede de Deus e tem uma vida transformada. O crente falso procede do diabo e tem uma vida de mera aparência de piedade. John Charles Ryle, nessa mesma linha de pensamento, diz que a igreja visível é um vasto campo onde crescem, lado a lado, o trigo e o joio. Devemos estar preparados para encontrar crentes e incrédulos, convertidos e não convertidos, os filhos do reino e os filhos do maligno, todos misturados uns com os outros.

Em segundo lugar, não temos autorização para arrancar os crentes falsos do meio dos crentes verdadeiros (13.27,28). Não temos competência para arrancar o joio do meio do trigo, porque nossos critérios de avaliação são passíveis de erro. Correríamos o perigo de arrancar trigo como se joio fosse. Então, essa separação só acontecerá na segunda vinda de Cristo, quando os anjos farão precisa distinção entre um e outro. Naquele dia, então, o trigo irá para o celeiro de Deus, e o joio irá para o fogo.

Em terceiro lugar, a disciplina na igreja precisa ser cautelosa para não jogar fora o trigo nem promover o joio (13.29). O extremo rigor na disciplina pode bandear para esse risco fatal. Na verdade, só o Senhor conhece aqueles que são seus (2Tm 2.19). Charles Spurgeon alerta sobre o fato de que disciplinadores precipitados muitas vezes expulsam o melhor e mantêm o pior. Onde o mal é claro e aberto, não podemos hesitar em lidar com ele; mas, onde é questionável, é melhor esperar até que tenhamos uma orientação mais completa.

Em quarto lugar, embora o falso crente por um tempo possa ser visto como verdadeiro crente, sua verdadeira identidade será manifestada na segunda vinda de Cristo (13.30). Na consumação dos séculos, na segunda vinda de Cristo, os anjos, os ceifeiros de Deus, não errarão no diagnóstico. Eles farão uma separação rigorosa e precisa entre joio e trigo. Jamais trigo será lançado no fogo, e jamais joio será recolhido no celeiro de Deus. No céu não há hipócrita nem no inferno, crentes verdadeiros. Naquele dia, diz John Charles Ryle, os santos e fieis servos de Cristo receberão glória, honra e vida eterna. Os mundanos, os ímpios, os descuidados e os não convertidos serão lançados na fornalha acesa.

Em quinto lugar, tanto a bem-aventurança eterna como a condenação eterna são realidades inevitáveis (13.30,40-43). O trigo, os crentes verdadeiros, será reunido no celeiro, e os molhos de joio serão atados e jogados na fornalha. Na mesma medida em que uns serão bem-aventurados, os outros serão atormentados. O engano da obra do diabo não dura para sempre. As máscaras dos falsos crentes cairão. E eles sofrerão penalidade de eterna destruição (Jd 6,7; Ap 14.9-11; 20.10), enquanto os filhos do reino desfrutarão de felicidade eterna (Ap 21.1-3). Hendriksen está certo ao escrever: “Os recipientes da graça aqui serão os recipientes da glória lá”.

## Perguntas para reflexão

- 1ª) Como essas verdades se aplicam hoje?
- 2ª) O que preciso alinhar com a verdade desse ensino?
- 3ª) Qual o recurso que a redenção proveu por meio da nova natureza para eu viver essa verdade de Cristo em minha vida?



## Ensino sobre a semente mostarda

*Então Jesus contou outra parábola: “O reino dos céus é como a semente de mostarda que alguém semeia num campo. É a menor de todas as sementes, mas se torna a maior das hortaliças; cresce até se transformar em árvore, e vêm as aves e fazem ninho em seus galhos”. (Mateus 13:31-32)*

### Contextualização

A planta de mostarda da Palestina é muito diferente da que nós conhecemos. Se queremos ser exatos, a semente de mostarda não é a mais pequena das sementes. A semente do cipreste, por exemplo, é mais pequena. Mas no Oriente a pequenez da semente de mostarda era algo proverbial. Os judeus falavam, por exemplo, de uma gota de sangue tão pequena como um grão de mostarda. Se falavam sobre uma pequena violação da lei cerimonial, referiam-se a uma violação tão pequena como uma semente de mostarda. O próprio Jesus empregou a frase nesse sentido quando comparou a fé a um grão de mostarda (*Mateus 17:20*).

Na Palestina, esta pequenina semente de mostarda crescia até transformar-se em algo muito semelhante a uma árvore. Em *The Land and the Book* Thomson escreve: "*Na rica pradaria do Akkar vi esta planta alcançar o tamanho do cavalo e seu cavaleiro.*" "*Com a ajuda de meu guia,*" "*arranquei uma verdadeira árvore de mostarda que tinha mais de três metros.*"

Nesta parábola não há nenhum exagero. Além disso, era muito comum ver estes arbustos ou árvores de mostarda rodeados por uma nuvem de pássaros, visto que gostam muito das pequenas sementes negras da árvore e posam nela para comê-las. Assim, pois, Jesus disse que seu Reino era como a semente de mostarda, que se transforma em uma árvore. O Reino dos céus começa desde o princípio mais ínfimo, mas ninguém sabe onde terminará. Na linguagem do Oriente e no próprio Antigo Testamento, uma das representações mais comuns de um grande Império era a imagem de uma árvore muito grande com as nações submetidas simbolizadas por pássaros que procuram repouso e refúgio em seus ramos (*Ezequiel 31:6*). É uma realidade histórica que as maiores coisas começam a partir das coisas menores.

Em primeiro lugar, uma ideia que pode chegar a mudar a civilização pode começar com um homem. No Império Britânico, William Wilberforce foi o responsável pela libertação dos escravos. A ideia da libertação lhe ocorreu quando leu uma exposição sobre o tráfico de escravos escrita pelo Thomas Clarkson. Era íntimo amigo do Pitt, o primeiro-ministro. Um dia estava sentado com o Pitt e George Greenville no jardim de Pitt, em Hollywood. De repente Pitt se voltou para ele e lhe disse: "Wilberforce, por que não apresenta um relatório sobre uma moção sobre o tráfico de escravos?" A ideia ficou semeada na mente de um homem, e essa ideia mudou a vida de milhares e milhares de pessoas. A ideia deve encontrar um homem para poder possuí-lo. Mas quando uma ideia encontra um homem começa uma corrente que não se pode deter com nada.

Em segundo lugar, um testemunho deve começar com um homem. Cecil Northcott, relata em um de seus livros a forma em que um grupo de jovens discutia sobre o modo em que devia propagar o evangelho. Falavam sobre a propaganda, a literatura, e todos os métodos que

se podiam empregar para disseminar o evangelho no século vinte. Então falou a moça que vinha da África: *"Quando queremos enviar o cristianismo a uma de nossas aldeias não lhes enviamos livros", disse. "Levamos uma família cristã para viver na aldeia e convertem a aldeia ao cristianismo pelo mero fato de viver nela."* Em qualquer grupo ou sociedade, em qualquer escola ou fábrica, loja ou escritório mais de uma vez aconteceu que o que fez chegar o cristianismo ao grupo foi o testemunho de um indivíduo. O homem ou a mulher que está inflamado de amor por Cristo é quem acende a faísca em outros.

Terceiro, uma reforma começa com uma pessoa. Uma das grandes histórias da Igreja cristã é a de Telêmaco. Telêmaco era um ermitão no deserto, mas algo lhe disse – o chamado de Deus – que devia ir a Roma. Foi a Roma. Em teoria esta cidade era cristã, mas continuavam celebrando-as lutas entre gladiadores nas quais os homens lutavam entre si e as multidões desfrutavam ao ver o sangue correr. Telêmaco se encaminhou para as lutas. Havia oitenta mil pessoas presentes. Sentiu-se horrorizado. Acaso estes homens que se matavam entre eles não eram também filhos de Deus? Saltou de seu assento na arena e ficou de pé em meio dos gladiadores. Empurraram-no para um lado. Voltou. A multidão ficou irada e começou a lhe lançar pedras. Voltou a ficar entre os gladiadores com dificuldade. Ouviu-se a ordem do prefeito; brilhou o aço de uma espada e Telêmaco morreu. E de repente se fez silêncio; de repente a multidão percebeu o que tinha acontecido, um homem santo jazia morto. Algo aconteceu em Roma nesse dia, porque não houve mais luta entre gladiadores. Um homem só tinha produzido algo por meio de sua morte que limpou o pecado do Império. Alguém deve começar uma reforma; não é necessário que comece em uma nação, pode começá-la em sua casa ou em seu lugar de trabalho. Começada essa reforma, ninguém sabe onde pode terminar.

Por último, esta foi uma das parábolas mais pessoais que Jesus proferiu. Em algumas ocasiões seus discípulos devem ter-se sentido desesperados. Seu grupo era tão pequeno e o mundo era tão imenso. Como poderiam chegar a triunfar e transformar o mundo? Entretanto, algo entrou neste mundo junto com Jesus. Hugh Martin cita H. G. Wells: *"Sem dúvida é a figura dominante na história... Um historiador sem nenhuma inclinação teológica precisa descobrir, forçosamente, que não pode mostrar o progresso da humanidade de modo honesto se não der um lugar de destaque ao mestre sem um centavo de Nazaré."* Nesta parábola, Jesus diz a seus discípulos, assim como a seus seguidores de todos os tempos, que não devem desiludir-se, que cada um deve servir e dar testemunho em seu lugar, que cada um deve ser o pequeno começo a partir do qual cresce o Reino até que todos os reinos da Terra se transformem afinal no Reino de Deus.

### **Perguntas para reflexão**

- 1ª) Como essas verdades se aplicam hoje?
- 2ª) O que preciso alinhar com a verdade desse ensino?
- 3ª) Qual o recurso que a redenção proveu por meio da nova natureza para eu viver essa verdade de Cristo em minha vida?

## Ensino sobre a parábola do fermento

*Jesus também contou a seguinte parábola: “O reino dos céus é como o fermento usado por uma mulher para fazer pão. Embora ela coloque apenas uma pequena quantidade de fermento em três medidas de farinha, toda a massa fica fermentada”. (Mateus 13:33)*

### Contextualização

Neste capítulo não há nada mais significativo que as fontes de onde Jesus extraía suas parábolas. Em cada ocasião extraiu-as das cenas e atividades da vida cotidiana. Começava com coisas muito conhecidas de seus ouvintes, para conduzi-los a outras que jamais tinham passado por suas mentes. Mas nesta parábola da levedura Jesus se aproxima mais de seus interlocutores que em qualquer outra, porque a extrai da cozinha de qualquer lar.

Na Palestina, o pão era assado nas casas. Três medidas é, como assinala Levinson, justo a quantidade normal que se necessitaria para fazer pão para uma família um tanto numerosa, tal como a família do Nazaré. A levedura era uma pequena parte de massa que se guardou da última fornada; ao guardá-la tinha fermentado, e a levedura não era mais que uma parte de massa em fermentação. É certo que na linguagem e o pensamento judeu quase sempre se relaciona a levedura com uma má influência. Os judeus relacionavam a fermentação com a putrefação e a podridão, e a levedura representava o mal (Mt 16:6; 1Co 5:6-8; Gl 5:9).

Pode ser que Jesus tenha escolhido esta ilustração do Reino de maneira deliberada. Sem dúvida se experimentaria certa surpresa ao ouvir que o Reino de Deus é comparado com a levedura e a surpresa despertaria interesse e exigiria atenção, coisa que sempre acontece com um exemplo tirado de uma fonte insólita e inesperada. Todo o sentido da parábola gira em torno de um elemento – o poder transformador da levedura. A levedura mudava as características da fornada. O pão sem levedura, o pão que se cozinhou sem havê-lo feito levedar antes, é como um biscoitinho de água: duro, seco, sem gosto. O pão que se assou com levedura é suave, poroso e esponjoso, tem bom sabor e é agradável de comer. A introdução da levedura produz uma transformação na massa; e a chegada do Reino produz uma transformação na vida. Reunamos as características desta transformação.

Em primeiro lugar, o cristianismo transforma a vida do indivíduo. Em 1 Coríntios 6:9-10, Paulo reúne uma lista do tipo mais terrível, desagradável e odioso de pecadores e no versículo seguinte faz uma afirmação aterradora: *"Tais fostes alguns de vós."* Como dizia Denney, nunca devemos esquecer que a função e o poder de Cristo é converter os homens maus em bons. A transformação do cristianismo começa na vida individual, porque por meio de Cristo, a vítima da tentação pode vencê-la.

Em segundo lugar, há quatro grandes aspectos sociais nos quais o cristianismo transformou a vida. O cristianismo transformou a vida para as mulheres. Em sua oração pela manhã o judeu agradecia a Deus por não tê-lo feito nascer gentio, escravo ou mulher. Na civilização grega, a mulher levava uma vida de reclusão total, na qual não tinha nada a fazer além das tarefas da casa. Nas terras orientais com frequência era possível encontrar uma família

que estava viajando. O pai montado sobre um burro, a mãe andando a seu lado, frequentemente com uma pesada carga sobre os ombros. Uma verdade histórica demonstrável é que o cristianismo transformou a vida da mulher.

Terceiro, o cristianismo transformou a vida dos fracos e doentes. Na vida pagã, os fracos e os doentes eram considerados como algo incômodo. Em Esparta, quando nascia um menino ele era examinado, se era sadio tinha permissão de viver, se era fraco ou tinha algum defeito era deixado para morrer na ladeira de uma montanha. O cristianismo foi a primeira religião que se interessou pelas coisas defeituosas que há na vida.

Em quarto lugar, o cristianismo transformou a vida dos anciãos. Assim como os fracos, os anciãos eram um estorvo. Os anciãos, cujos dias de trabalho tinham terminado, só serviam para ser descartados como trastes velhos. O cristianismo foi a primeira religião que tomou os homens como pessoas e não como instrumentos com uma determinada capacidade de trabalho.

E por último, o cristianismo transformou a vida para o menino. Na civilização moderna, a vida se constrói quase ao redor do menino. Na antiguidade, o menino tinha muitas probabilidades de morrer antes de começar sua existência. Não há na história nada que se possa demonstrar em forma tão indiscutível como o poder transformador do cristianismo e de Cristo na vida individual e na da sociedade.

Concluindo, o Reino, o poder de Cristo, o propósito de Deus são como um grande rio: uma boa parte de seu curso desliza debaixo a terra sem ser visto, mas de vez em quando sai à superfície em toda sua força e magnitude, e todos podem ver sua ação. Esta parábola ensina que o Reino trabalha sempre sem ser visto e, ao mesmo tempo, que há momentos em cada vida individual e na história, em que a obra do Reino é tão evidente e tão claramente poderosa que todos podem vê-la.

### **Perguntas para reflexão**

1ª) Como essas verdades se aplicam hoje?

2ª) O que preciso alinhar com a verdade desse ensino?

3ª) Qual o recurso que a redenção proveu por meio da nova natureza para eu viver essa verdade de Cristo em minha vida?

## Ensino do tesouro escondido

*“O reino dos céus é como um tesouro escondido que um homem descobriu num campo. Em seu entusiasmo, ele o escondeu novamente, vendeu tudo que tinha e, com o dinheiro da venda, comprou aquele campo.” (Mateus 13:44)*

### Contextualização

Jesus conta sete parábolas para descrever o avanço espiritual do “reino dos céus” nesta era. Carlos Osvaldo Pinto diz que as duas parábolas iniciais lidam com a questão do estabelecimento do reino; as duas seguintes lidam com seu crescimento no mundo; a quinta e a sexta lidam com seu valor; e a última trata das responsabilidades dos discípulos no reino.

Essa parábola revela o valor incomparável do reino dos céus. Esse reino vale mais que todos os tesouros, pois é o tesouro por excelência. Assim sendo, esta parábola ilustra o valor da verdade que se acha em Cristo. Ao reconhecer essa maravilhosa descoberta, percebe que todos os outros tesouros da vida, sejam eles riquezas materiais, ou a intelectualidade, ou os prazeres, ou a fama etc., não podem se comparar com esse tesouro incalculável.

Essa foi a experiência dos apóstolos, os quais “deixaram tudo” a fim de seguirem a Cristo. Essa foi também a experiência dos antigos discípulos, muitos dos quais morreram como mártires, porquanto a vida física, por si mesma, tem pouquíssimo valor em comparação com o tesouro do reino dos céus. Vejamos o ensino desta parábola é:

Em primeiro lugar, o homem encontrou o tesouro, nem tanto por acaso, mas em seu trabalho diário. É verdade que tropeçou com ele inesperadamente, mas o fez enquanto se ocupava de seus afazeres cotidianos. Seria muito triste se só encontrássemos a Deus e nos sentíssemos perto dele nas igrejas, nos lugares considerados santos, e nas celebrações religiosas. Há um dito de Jesus que não está escrito. Nunca encontrou um lugar nos evangelhos; mas, apesar disto, aparece como uma grande verdade: *"Levanta a pedra e me encontrará, fende o lenho e estou ali."* Quando o pedreiro trabalha com a pedra, quando o carpinteiro trabalha com a madeira, Jesus está presente. A felicidade autêntica, a satisfação, o sentido de Deus, a presença autêntica de Cristo se encontra no trabalho diário, quando a pessoa desempenha esse trabalho de maneira consciente e honesta.

Em segundo lugar, a lição que nos ensina esta parábola é que vale a pena fazer qualquer sacrifício para entrar no Reino. O que significa entrar no Reino? Portanto, estar no Reino, entrar no Reino, significa aceitar e fazer a vontade de Deus. De repente, tal como o homem encontrou o tesouro, pode apresentar-se a nós em um momento de iluminação a convicção do que significa a vontade de Deus para nós. Aceitá-la pode significar abandonar algumas ambições e objetivos que valorizávamos muito, abandonar certos hábitos e formas de vida difíceis de deixar de lado, aceitar uma disciplina e uma negação de si mesmo que não são nada fáceis; em uma palavra, tomar nossa cruz e seguir a Jesus.

## Perguntas para reflexão

- 1ª) Como essas verdades se aplicam hoje?
- 2ª) O que preciso alinhar com a verdade desse ensino?
- 3ª) Qual o recurso que a redenção proveu por meio da nova natureza para eu viver essa verdade de Cristo em minha vida?

## Ensino da pérola de grande valor

*“O reino dos céus também é como um negociante que procurava pérolas da melhor qualidade. Quando descobriu uma pérola de grande valor, vendeu tudo que tinha e, com o dinheiro da venda, comprou a tal pérola.” (Mateus 13:45-46)*

### Contextualização

A parábola da pérola preciosa, é narrativa gêmea com a que achou um tesouro no campo. Mas há diferenças significativas. O lavrador não esperava encontrar coisa alguma, ao passo que o comerciante estava à cata de uma joia excelente. Contudo, a verdade focalizada na história é a mesma – o reino é o bem supremo. A ideia do reino naturalmente inclui o valor da pessoa de Cristo, a sua mensagem, a salvação proporcionada por ele e a comunhão com o Pai. A ideia central, portanto, é que todas as demais coisas, quando contrastadas com a posse do reino dos céus, têm pouquíssimo valor, e que há certas pessoas que buscam esse reino, e então, ao acharem-no, dão-lhe grande valor que se dispõem a sacrificar a tudo a fim de se apossarem dele.

Paulo ilustra esse tipo de pessoa mediante o seu próprio testemunho: *Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor, por amor do qual perdi—todas as cousas—e as considero como refugo, para ganhar a Cristo.. (Fil. 3:8)*. O reino dos céus é mais valioso que as melhores pérolas, que os mais ricos tesouros. Investir no reino dos céus é fazer o melhor, o mais sábio e o mais duradouro de todos os investimentos. É um investimento de consequências eternas.

Nesta parábola se escondem algumas verdades muito sugestivas. Primeiro, é sugestivo dizer que o Reino dos céus é comparado com uma pérola. Para os povos da antiguidade uma pérola era a mais preciosa das posses, e um prazer o contemplar e admirar. Isso significa que o Reino dos céus é a coisa mais bela do mundo. Recordemos o que é o Reino. Estar no Reino significa aceitar e cumprir a vontade de Deus. Isso quer dizer que fazer a vontade de Deus não é algo triste, árduo, incômodo; é algo bonito.

Segundo é sugestivo comprovar que há outras pérolas, mas uma só é de alto preço. Quer dizer que há muitas coisas boas no mundo, muitas coisas nas quais o homem pode encontrar beleza. Pode encontrá-la no conhecimento e nas possibilidades da mente humana, na arte, na música, na literatura e em todos os logros do espírito humano. Pode encontrar beleza no serviço ao próximo, mesmo que tal serviço surja de motivações humanitárias antes que cristãs; pode encontrar beleza nas relações humanas. Isto é belo, mas é uma beleza menor. A beleza suprema se encontra na aceitação da vontade de Deus. Isto não significa minimizar as outras coisas; essas coisas também são pérolas, mas a pérola suprema é a obediência voluntária que nos transforma em amigos de Deus.

## Perguntas para reflexão

- 1ª) Como essas verdades se aplicam hoje?
- 2ª) O que preciso alinhar com a verdade desse ensino?
- 3ª) Qual o recurso que a redenção proveu por meio da nova natureza para eu viver essa verdade de Cristo em minha vida?



## Ensino sobre a rede de pesca

*“O reino dos céus é, ainda, como uma rede de pesca que foi lançada ao mar e pegou peixes de todo tipo. Quando a rede estava cheia, os pescadores a arrastaram até a praia, sentaram-se e juntaram os peixes bons em cestos, jogando fora os ruins. Assim será no fim dos tempos. Os anjos virão, separarão os perversos dos justos e os lançarão na fornalha ardente, onde haverá choro e ranger de dentes. Vocês entendem todas essas coisas?” “Sim”, responderam eles. (Mateus 13:47-51)*

### Contextualização

A parábola ilustra o juízo que haverá no fim do mundo. Os homens, finalmente, mostrarão o que realmente são. A rede de Deus recolherá a todos, e cada qual será — selecionado — quanto à sua qualidade. O evangelho pode atrair muita gente à igreja, mas por detrás dessa vinda há muitos motivos, alguns dos quais não são puros e nem espirituais. Mas a rede desvendara a tudo isso.

A mensagem desta parábola não difere muito da do joio, porque o resultado é o julgamento, a separação entre os bons e os maus. A parábola ilustra os feitos a pregação do evangelho no mundo. Alguns aceitam a mensagem e assim desenvolvem uma fé autêntica, tomando-se discípulos legítimos de Cristo. Outros parece que são somente recolhidos pela rede da mensagem de Cristo, mas finalmente mostram que são falsos discípulos. Alguns possuem verdadeiramente a vida espiritual, conferida em face da fé verdadeira, enquanto que outros só aparentemente têm a vida espiritual. Alguns, segundo os propósitos de Deus, estão prontos para cumprir os alvos divinos, ao passo que outros não são aptos para cumprir os alvos de Deus no tocante ao destino determinado para os seres humanos.

Esta parábola contém duas grandes lições. Primeiro, está na natureza da rede arrastão o não poder selecionar e discriminar. Se aplicarmos isso à Igreja, que é o instrumento do Reino de Deus sobre a Terra, significa que a Igreja não pode ser seletiva e discriminatória, que a Igreja terrestre tem que ser uma mescla, que incluirá todo tipo de gente, boa e má, útil e inútil, e que não somos nós os que devemos julgar. Sempre houve dois pontos de vista sobre a Igreja – o exclusivo e o inclusivo. O ponto de vista exclusivo sustenta que a Igreja é para gente boa; gente que está real e totalmente consagrada, gente que é muito diferente do resto do mundo. Este ponto de vista é atrativo, mas não é do Novo Testamento porque, além do mais, quem há de emitir julgamento, quando somos aconselhados que não devemos julgar? (Mateus 7:1). Não compete ao homem julgar a outros nem pode dizer quem está consagrado a Cristo e quem não está. O conceito inclusivo defende em forma instintiva que a Igreja deve estar aberta a todos, e que, assim como a rede, enquanto seja uma instituição humana não tem mais remédio senão ser uma mescla. E isso é exatamente o que ensina esta parábola.

Segundo a parábola também afirma que chegará o momento da separação, que chegará o momento em que se enviará os bons e os maus a seus respectivos destinos. Mas essa separação, por mais segura que seja, não é tarefa do homem, mas sim de Deus. De maneira que nosso dever consiste em aceitar a todos os que desejem vir, e não julgar nem separar, antes

deixar o julgamento final a Deus que é o único que pode fazê-lo.

### **Perguntas para reflexão**

- 1ª) Como essas verdades se aplicam hoje?
- 2ª) O que preciso alinhar com a verdade desse ensino?
- 3ª) Qual o recurso que a redenção proveu por meio da nova natureza para eu viver essa verdade de Cristo em minha vida?

## Ensino sobre o mestre da lei

*Então ele acrescentou: “Todo mestre da lei que se torna discípulo no reino dos céus é como o dono de uma casa que tira do seu tesouro verdades preciosas, tanto novas como velhas”. (Mateus 13:52)*

### Contextualização

Jesus usa aqui a palavra escriba a fim de indicar os mestres da Palavra de Deus, da mensagem do reino, tais como ele mesmo; ou então, a fim de indicar outros intérpretes do reino, como os apóstolos e outros. Mas não faz alusão aos escribas dos judeus. Assim sendo, Jesus ensina que seus discípulos têm a responsabilidade de ensinar, e que esse ensino inclui coisas velhas, como as Escrituras do A.T. — a lei, os profetas etc., mas, também as novas doutrinas apresentadas por ele.

Os discípulos estão na obrigação de usar os meios disponíveis em seu ministério, tal como o pai de família tira, de seu depósito, diversas coisas que fornecem aquilo de que sua família precisa. Os discípulos que ensinam, portanto, são os pais do reino ou da igreja, os quais têm a responsabilidade de fornecer os subsídios para satisfazer às necessidades espirituais da família espiritual que habita na casa de Deus. A lição que Jesus aqui ensina pode aplicar-se a todos os obreiros do reino. O verdadeiro escriba, deve ser assim:

a. Ele precisa ter recebido treinamento adequado.

Precisa tomar-se um discípulo ou aluno para (ou do) o reino do céu. Os escribas judaicos daquele dia ou época já foram descritos (2.4; 5.20). Eles eram os estudiosos e mestres reconhecidos do Antigo Testamento e das tradições que haviam sido impostas. Já foi também observada a inadequação de seu ensino, tanto quanto seu conteúdo e método. Ora, o escriba a quem Jesus aqui retrata não é assim. Ele tem sido treinado para assuntos que têm que ver com o reino do céu, ou seja, o reino da salvação plenária e gratuita, o reino a que todos são convidados a entrar, o reino da graça e da glória.

b. Ele tem a responsabilidade suprir sua família.

Esse escriba foi provido de um autêntico tesouro, a um rico suprimento de bens. Seus bens incluíam conhecimento da Escritura; conhecimento do caminho da salvação; conhecimento do modo como, por gratidão, os homens devem viver para a glória de Deus; conhecimento de como uma pessoa pode obter a paz que excede todo o entendimento, a alegria inefável e cheia de glória etc. Não seria uma vergonha se ele não pudesse comunicar tal conhecimento a outros igualmente, começando com aqueles que pertencem à sua própria casa?

c. Ele deve fornecer coisas novas e antigas.

O problema com o escriba judaico dos dias de Cristo consistia em que ele estava sempre repetindo as opiniões. O verdadeiro escriba está totalmente familiarizado com o que é antigo e se fundamenta sobre ele. Não despreza essa Bíblia antiga, essas doutrinas antigas, senão que as ama etc., mas aplica tudo isso a novas situações, está sempre pronto a receber nova luz de qualquer fonte (contanto que seja realmente “luz”) e, pela graça de Deus, sua apresentação da

verdade é sempre fresca, porquanto ele bebe da Fonte das Águas Vivas

### **Perguntas para reflexão**

- 1ª) Como essas verdades se aplicam hoje?
- 2ª) O que preciso alinhar com a verdade desse ensino?
- 3ª) Qual o recurso que a redenção proveu por meio da nova natureza para eu viver essa verdade de Cristo em minha vida?

# 1ª SEMANA Maio

## Ensino sobre a primeira multiplicação de pães

*Logo que Jesus ouviu a notícia, partiu de barco para um lugar isolado, a fim de ficar só. As multidões, porém, descobriram para onde ele ia e o seguiram a pé, vindas de muitas cidades. Quando Jesus saiu do barco, viu a grande multidão, teve compaixão dela e curou os enfermos. Ao entardecer, os discípulos foram até ele e disseram: “Este lugar é isolado, e já está ficando tarde. Mande as multidões embora, para que possam ir aos povoados e comprar comida”. “Não há necessidade”, disse Jesus. “Providenciem vocês mesmos alimento para elas.” Eles responderam: “Temos apenas cinco pães e dois peixes!”. “Tragam para cá”, disse ele. Em seguida, mandou o povo sentar-se na grama. Tomou os cinco pães e os dois peixes, olhou para o céu e os abençoou. Então, partiu os pães em pedaços e os entregou a seus discípulos, que distribuíram às multidões. Todos comeram à vontade, e os discípulos recolheram doze cestos com as sobras. Os que comeram foram cerca de cinco mil homens, sem contar mulheres e crianças. (Mateus 14:13-21)*

### Contextualização

Havia três razões muito simples e naturais pelas quais Jesus podia desejar estar sozinho. Era humano e precisava descansar. Nunca se lançava temerariamente ao perigo, e era conveniente afastar-se para não correr a mesma sorte de João prematuramente. E, o mais importante, ao aproximar-se cada vez mais à cruz sabia que devia encontrar-se com Deus antes de encontrar-se com os homens. Jesus procurava descanso para seu corpo e vigor para sua alma em lugares apartados. Mas não podia consegui-lo. E as multidões se reuniram à margem, dando a volta ao lago, e o esperavam do outro lado quando chegou. De maneira que Jesus os curou e quando chegou à tarde lhes deu de comer antes que emprendessem o longo caminho a suas casas. São poucos os milagres de Jesus tão reveladores como este.

Primeiro, o cuidado de Jesus com seus discípulos. Em virtude do esgotamento dos discípulos e da tristeza pela morte de João Batista, Jesus sai com eles para um lugar deserto, para um tempo de refrigério. O convite de Jesus ao descanso é a expressão de seu cuidado pastoral pelos discípulos. Enquanto curam os outros, os discípulos não estão isentos de estafa provocada pelo trabalhar com pessoas. Jesus enfatiza também que precisamos cuidar de nós mesmos antes de cuidar dos outros.

Segundo, fala-nos da compaixão de Jesus. Quando Jesus viu a multidão experimentou compaixão até o mais profundo de seu ser. Jesus tinha ido em busca de paz, silêncio e quietude e em lugar disto encontrou uma vasta multidão pedindo com ardor o que pudesse lhes dar. Facilmente poderia ter-se sentido contrariado pela presença da multidão; poderia sentir que eram um estorvo, e poderia tê-lo demonstrado com toda facilidade. Mas Jesus não era assim. De maneira que, longe de senti-los como um incômodo, compadeceu-se deles. Jesus não veio para despedir as pessoas, mas para salvá-las. Jesus encarou aquela multidão como ovelhas sem pastor. Jesus supre as necessidades da multidão, em vez de pensar apenas no seu bem-estar. Assim, Jesus atende não apenas às necessidades físicas, mas também espirituais.

Terceiro, a incapacidade dos discípulos. Eles se sentem impotentes diante da situação, mas fazem suas sugestões. Para os apóstolos, tudo era desfavorável: o local era deserto, a hora estava avançada, a multidão era enorme, e eles não tinham dinheiro suficiente. Os discípulos enfatizam o que eles não têm. A resposta de Cristo foi chocante: *“Não há necessidade”, disse Jesus. “Providenciem vocês mesmos alimento para elas.”* O que, pois, o Mestre quis dizer quando disse aos discípulos que suprissem de alimento essa vasta multidão? Seria impossível apresentar uma resposta plenamente satisfatória a essa pergunta. Jesus quer dizer que esses homens não devem ser tão prontos a livrar-se das responsabilidades. Com muita frequência estavam dispostos a fazer precisamente isso e a dizer: *“Despede as multidões” (aqui em 14.15); “Despede-a” (a mulher siro fenícia 15.23).* Ainda *“repreendam”* os pais que traziam seus filhinhos a Jesus para que os abençoasse (19.13). Ver também *Lucas 9.49-50. “Não importunem o Mestre e nem a nós”,* era o que dizia com frequência. A luz dessa evidência, é seguro dizer que Jesus deseja lembrar esses homens do fato de que simplesmente despachar o povo não é necessariamente uma solução. Certamente que essa não é a forma de Deus fazer as coisas.

Quarto, o milagre realizado por Jesus. Em primeiro lugar, é preciso saber quais são os recursos disponíveis. O milagre de Deus acontece quando o homem decreta sua falência. Em segundo lugar, é preciso colocar o pouco que se tem nas mãos de Jesus. Jesus deseja que entreguemos em suas mãos o que possuímos. Ele fará que o pouco seja suficiente para muitos. Em terceiro lugar, é preciso organização para que todos sejam atendidos (14.19). Nosso Deus é Deus de ordem. Ele criou o universo com ordem. Ele não é Deus de confusão. Em quarto lugar, o milagre acontece nas mãos de Jesus, mas as mãos dos discípulos devem repartir o pão. Em quinto lugar, o alimento que Jesus oferece satisfaz plenamente (14.20). Jesus tem pão com fartura. Aquele que se alimenta dele não tem mais fome. Em sexto lugar, não se deve desperdiçar a provisão divina. O dom de Deus não deve ser desperdiçado. O pão é fruto da graça de Deus, e não podemos jogar fora a graça de Deus. O que sobeja precisa ser aproveitado.

### Perguntas para reflexão

- 1ª) Como essas verdades se aplicam hoje?
- 2ª) O que preciso alinhar com a verdade desse ensino?
- 3ª) Qual o recurso que a redenção proveu por meio da nova natureza para eu viver essa verdade de Cristo em minha vida?

## Ensino sobre as tempestades da vida

*Logo em seguida, Jesus insistiu com seus discípulos que voltassem ao barco e atravessassem até o outro lado do mar, enquanto ele despedia as multidões. Depois de mandá-las para casa, Jesus subiu sozinho ao monte a fim de orar. Quando anoiteceu, ele ainda estava ali, sozinho. Enquanto isso, os discípulos, distantes da terra firme, lutavam contra as ondas, pois um vento forte havia se levantado. Por volta das três da madrugada, Jesus foi até eles, caminhando sobre as águas. Quando os discípulos o viram caminhando sobre as águas, ficaram aterrorizados. “É um fantasma!”, gritaram, cheios de medo. Imediatamente, porém, Jesus lhes disse: “Não tenham medo! Coragem, sou eu!”. Então Pedro gritou: “Se é realmente o senhor, ordene que eu vá caminhando sobre as águas até onde está!”. “Venha!”, respondeu Jesus. Então Pedro desceu do barco e caminhou sobre as águas em direção a Jesus. Mas, quando reparou no vento forte e nas ondas, ficou aterrorizado, começou a afundar e gritou: “Senhor, salva-me!”. No mesmo instante, Jesus estendeu a mão e o segurou. “Como é pequena a sua fé!”, disse ele. “Por que você duvidou?” Quando entraram no barco, o vento parou. Então os outros discípulos o adoraram e exclamaram: “De fato, o senhor é o Filho de Deus!”. (Mateus 14:22-33)*

### Contextualização

O texto em apressado não nos fornece o motivo de Jesus ter insistido para que os discípulos entrassem no barco e passassem para a outra margem, ficando Ele sozinho para despedir as multidões. O trecho de *João 6:14,15* nos esclarece que a intenção da multidão era fazê-lo rei. Jesus, cujo reino é espiritual, recusa envolver-se em qualquer esquema político de caráter decididamente terreno. E estava poupando os discípulos dessa tentação, ou seja, de uma visão distorcida da sua missão. Segundo na quietude da noite indicada aqui em *Mateus 14.23*, Jesus, em comunhão solitária com seu Pai, orava não só por si mesmo, mas também por seus discípulos. Lições que esse texto nos ensina.

Primeiro, as tempestades da vida chegam mesmo quando estamos no caminho da obediência. A presença de problemas nem sempre significa que estamos fora do propósito de Deus ou que Deus é indiferente à nossa dor. Não fique desanimado por causa das tempestades de sua vida. Elas podem ser inesperadas para você, mas não para Deus. Você pode não entender a razão delas, mas elas são instrumentos pedagógicos de Deus na sua vida. Warren Wiersbe esclarece esse ponto:

*Ao ler a Bíblia, descobrimos que há dois tipos de tempestades: as que vêm para a correção, quando Deus nos disciplina, e as que vêm para o aperfeiçoamento, quando Deus nos ajuda a crescer. Jonas enfrentou uma tempestade porque havia desobedecido a Deus e, portanto, deveria ser corrigido. Os discípulos enfrentaram uma tempestade porque haviam obedecido a Cristo e precisavam ser aperfeiçoados. Jesus os havia testado numa tempestade anteriormente, quando estava no barco com eles (8.23-27). Mas agora ele os testou permanecendo fora do barco.*

Segundo, nas tempestades da vida, Jesus vem ao nosso encontro mesmo quando

achamos que não há mais esperança de livramento. A noite era dividida pelos judeus em quatro vigílias: a primeira, das 6 horas da tarde às 9 horas da noite; a segunda, das 9 horas à meia-noite; a terceira, da meia-noite às 3 horas da madrugada; e a quarta, das 3 horas da madrugada às 6 horas da manhã. Eles remaram com todo o empenho do cair da tarde até as 3 horas da madrugada. Às vezes, temos a sensação de que os nossos esforços são inúteis. Esforçamos, choramos, clamamos, jejuamos, mas o perigo não se afasta. Mas, quando tudo parece perdido, Jesus aparece para pôr fim à nossa crise. Jesus sempre vem ao nosso encontro, ainda que na quarta vigília da noite. O Senhor não vem quando desejamos; ele vem quando necessitamos. O tempo de Deus não é o nosso. Deus não livrou os amigos de Daniel da fornalha; livrou-os na fornalha. Deus não livrou Daniel da cova dos leões, livrou-o na cova. Deus não livrou Pedro da prisão, mas na prisão.

Terceiro, nas tempestades da vida, Jesus vem para nos dar pleno livramento. Jesus vem para acalmar as tempestades da nossa alma. A primeira palavra de Jesus não foi ao vento nem ao mar, mas aos discípulos. Antes de acalmar a tempestade, ele acalmou os discípulos. Jesus distinguiu que a tempestade que estava dentro deles era maior do que a tempestade que estava fora deles. A tempestade da alma era mais avassaladora do que a tempestade das circunstâncias. Jesus compreendeu que o maior problema deles não era circunstancial, mas existencial; não eram os fatos, mas os sentimentos. Antes de mudar o cenário que rodeava os discípulos, Jesus acalmou o coração deles, usando dois argumentos.

a) Jesus levanta o ânimo deles. É natural perder o ânimo depois de uma longa tempestade. Então, a primeira palavra não é de censura, mas de ânimo. Ele nos dá um banho de consolação e encorajamento antes de começar a transformar a nossa situação.

b) Jesus diz que sua presença é o antídoto para o nosso medo. Entre o medo e o ânimo, está Jesus. Onde Cristo está, a tempestade se aquieta, o tumulto se converte em paz, o impossível se torna possível, o insuportável se torna suportável. A presença de Cristo conosco é a nossa conquista da tempestade.

## Perguntas para reflexão

1ª) Como essas verdades se aplicam hoje?

2ª) O que preciso alinhar com a verdade desse ensino?

3ª) Qual o recurso que a redenção proveu por meio da nova natureza para eu viver essa verdade de Cristo em minha vida?



## Ensino sobre o poder do amor

*Depois de atravessarem o mar, chegaram a Genesaré. Quando o povo reconheceu Jesus, a notícia de sua chegada se espalhou rapidamente por toda a região, e trouxeram os enfermos para que fossem curados. Suplicavam que ele deixasse os enfermos apenas tocar na borda de seu manto, e todos que o tocavam eram curados. (Mateus 14:34-36)*

### Contextualização

Uma vez mais nota-se a imensa energia de Jesus. Depois de ter se cansado tanto, após haver multiplicado os pães, e tendo passado a noite inteira em oração, sem dormir, após ter enfrentado o temporal, antes mesmo de chegar a Cafarnaum, que era seu destino, ainda realizou inúmeras curas pelo caminho.

Quando Jesus chegou a Genesaré, outra multidão o reconheceu. Do meio da dor, brotava um clamor, um rogo para que os enfermos tocassem em Jesus, e todos quantos o tocavam saíram curados.

Devemos nos esforçar de igual modo para levar todos aqueles que estão necessitados de remédio espiritual ao médico dos médicos, para serem curados. Nele há uma fonte inesgotável de vida, perdão, cura e salvação.

Charles Spurgeon diz que nosso Rei é mestre tanto na terra como no mar. Seja sobre o mar de Genesaré, seja na terra de Genesaré, o seu poder e majestade supremos são infalivelmente comprovados. Ele acalma as tempestades e cura as enfermidades. Ele toca as ondas com os pés, e elas ficam firmes; ele toca os corpos doentes com as mãos, e eles ficam curados.

William Barclay diz que nesta passagem a uma certa beleza. *Apenas Jesus aparecia em algum lugar os homens se amontoavam a seu redor e clamavam por sua ajuda; e Ele jamais a negava. Curava a todos. Não somos informados que ensinasse ou pregasse; só se relata que curou os doentes. O mais tremendo a respeito de Jesus é que ensinava aos homens como era Deus mostrando-lhes como era. Não dizia aos homens que Deus se preocupava com eles, Ele o mostrava. Serve de muito pouco pregar o amor de Deus com palavras se não se mostrar o amor de Deus por meio de atos.*

A lição principal da história não é a fé dos homens - seja do enfermo, seja daqueles que os conduziam - mas o poder e amor de Cristo.

### Perguntas para reflexão

- 1ª) Como essas verdades se aplicam hoje?
- 2ª) O que preciso alinhar com a verdade desse ensino?
- 3ª) Qual o recurso que a redenção proveu por meio da nova natureza para eu viver essa verdade de Cristo em minha vida?

# 4ª SEMANA Maio

## Ensino sobre o perigo das tradições humanas

*Então alguns fariseus e mestres da lei chegaram de Jerusalém para ver Jesus e lhe perguntaram: “Por que seus discípulos desobedecem à tradição dos líderes religiosos? Eles não respeitam a cerimônia de lavar as mãos antes de comer!”. Jesus respondeu: “E por que vocês, com suas tradições, desobedecem ao mandamento de Deus? Pois Deus ordenou: 'Honre seu pai e sua mãe' e 'Quem insultar seu pai ou sua mãe será executado'. Em vez disso, vocês ensinam que, se alguém disser a seus pais: 'Sinto muito, mas não posso ajudá-los; jurei entregar como oferta a Deus aquilo que eu teria dado a vocês', não precisará mais honrar seus pais. Com isso, vocês anulam a palavra de Deus em favor de sua própria tradição. Hipócritas! Isaías tinha razão quando assim profetizou a seu respeito: 'Este povo me honra com os lábios, mas o coração está longe de mim. Sua adoração é uma farsa, pois ensinam ideias humanas como se fossem mandamentos divinos'”. Jesus chamou a multidão para perto de si e disse: “Ouçam e procurem entender. Não é o que entra pela boca que os contamina; vocês se contaminam com as palavras que saem dela”. Então os discípulos vieram e perguntaram: “O senhor sabe que ofendeu os fariseus com isso que acabou de dizer?”. Jesus respondeu: “Toda planta que meu Pai celestial não plantou será arrancada pela raiz. Portanto, não façam caso deles. São guias cegos conduzindo cegos e, se um cego conduzir outro, ambos cairão numa vala”. Então Pedro disse: “Explique-nos a parábola de que as pessoas não são contaminadas pelo que comem”. “Ainda não entendem?”, perguntou Jesus. “Tudo que comem passa pelo estômago e vai para o esgoto, mas as palavras vêm do coração, e é isso que os contamina. Pois do coração vêm maus pensamentos, homicídio, adultério, imoralidade sexual, roubo, mentiras e calúnias. São essas coisas que os contaminam. Comer sem lavar as mãos não os contaminará.” (Mateus 15:1-20)*

### Contextualização

Jesus está em Jerusalém, a sede da conspiração contra ele. Mateus descreveu vários confrontos entre Jesus e os líderes. Essa confrontação, agora, centra-se ao redor de uma questão básica (15.2): “O que deve regular a vida: a tradição humana ou a Palavra de Deus?”. A resposta de Jesus abre clareiras sobre a verdadeira espiritualidade.

Primeiro, quando a tradição religiosa toma o lugar da Palavra de Deus. As tradições fazem parte inalienável de nossa vida. Sproul está certo quando diz que as tradições não são negativas em si mesmas, porém elas jamais podem ocupar o lugar da Palavra de Deus. William Hendriksen diz que esses fariseus estavam mais preocupados com “a tradição dos anciãos” do que com a Palavra de Deus. Substituíam a genuína piedade pelo mero legalismo, a atitude de coração e mente pela conformidade externa da tradição e a alegre obediência pela torturante escrupulosidade.

Segundo, quando a tradição religiosa transgride a Palavra de Deus. Em vez de Jesus sucumbir à acusação dos fariseus e escribas, devolve a pergunta a eles, encurralando-os com a

verdade: *Por que transgredis vós também o mandamento de Deus, por causa da vossa tradição?* (15.3). Os discípulos quebravam uma tradição humana, e os acusadores transgrediam um mandamento de Deus. Os fariseus e escribas estavam enganados quanto à natureza do pecado. Eles pensavam que eram santos por praticarem ritos externos de purificação. O contraste entre os fariseus e escribas e os discípulos de Cristo não era apenas entre a lei e os ritos, entre a verdade de Deus e a tradição dos homens, mas uma divergência profunda sobre a doutrina do pecado e da santidade. Esse conflito não é periférico, mas toca o âmago da verdadeira espiritualidade. Ainda hoje, muitos segmentos evangélicos coam um mosquito e engolem um camelo.

Terceiro, uma tradição que invalida a Palavra de Deus (15.4-6). Jesus cita um caso específico dessa transgressão jeitosamente elaborada pelos anciãos. Trata-se da lei do corbã (era a prática de dedicar coisas a Deus e, desse modo, arrebatá-las de outras pessoas que poderiam ter legítimo direito a elas). É mandamento de Deus que os filhos honrem pai e mãe (Ex 20.12; Dt 5.16). Mas alguns filhos, desonrando seus progenitores, os desamparavam. Em vez de assistir os pais, esses filhos diziam: *“Não podemos socorrê-los, porque o que temos e o que vocês esperam de nós é oferta ao Senhor”*. Com essa manobra, eles invalidavam a Palavra de Deus, com o manual de sua tradição em mãos.

Quarto, uma tradição que produz hipocrisia, e não adoração (15.7-9). Em vez de praticar purificações cerimoniais, devemos afiar nosso entendimento e nossos ouvidos. Jesus evoca o profeta Isaías, dizendo: *Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. E em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens. Jesus deu a seus oponentes as Escrituras, em vez da tradição. Quebrou suas armas de madeira com a espada do Espírito. As Sagradas Escrituras devem ser nossa arma contra uma espiritualidade de meras tradições.*

Quinto, quando a tradição religiosa não discerne a Palavra de Deus (15.10-20). Em vez de serem prisioneiros do legalismo farisaico, Jesus exorta a multidão a ter uma espiritualidade governada pelo entendimento da verdade de Deus. Para elucidar esse intrincado problema, Jesus lança mão de uma parábola. *Não é o que entra pela boca o que contamina o homem, mas o que sai da boca, isto, sim, contamina o homem* (15.11). Embora a parábola de Jesus tenha sido tão clara e objetiva, Pedro pediu a Jesus uma explicação particular do seu significado. Jesus esclarece aos discípulos o óbvio: *o que entra pela boca é eliminado para um lugar escuso, mas o que sai da boca procede do coração*. E é exatamente isso que contamina o homem. Jesus está acabando com a paranoia da religião legalista e suas listas intermináveis de isso pode e isso não pode. Jesus está declarando puros todos os alimentos. Jesus arremata o assunto, deixando meridianamente claro que a contaminação não vem de comer sem lavar as mãos. A contaminação não vem de fora, mas procede de dentro; emana do coração. O coração é o laboratório onde o pecado é processado. O coração é a fonte poluidora da vida. O remédio é um novo coração.

## Perguntas para reflexão

1ª) Como essas verdades se aplicam hoje?

2ª) O que preciso alinhar com a verdade desse ensino?

3ª) Qual o recurso que a redenção proveu por meio da nova natureza para eu viver essa verdade de Cristo em minha vida?

# 1ª SEMANA Junho

## Ensino sobre a fé da mulher cananeia

*Então Jesus deixou a Galileia, rumo ao norte, para a região de Tiro e Sidom. Uma mulher cananeia que ali morava veio a ele, suplicando: “Senhor, Filho de Davi, tenha misericórdia de mim! Minha filha está possuída por um demônio que a atormenta terrivelmente”. Jesus não disse uma só palavra em resposta. Então os discípulos insistiram com ele: “Mande-a embora; ela não para de gritar atrás de nós”. Jesus disse à mulher: “Fui enviado para ajudar apenas as ovelhas perdidas do povo de Israel”. A mulher, porém, aproximou-se, ajoelhou-se diante dele e implorou mais uma vez: “Senhor, ajude-me!”. Jesus respondeu: “Não é certo tirar comida das crianças e jogá-la aos cachorros”. “Senhor, é verdade”, disse a mulher. “No entanto, até os cachorros comem as migalhas que caem da mesa de seus donos.” “Mulher, sua fé é grande”, disse-lhe Jesus. “Seu pedido será atendido.” E, no mesmo instante, a filha dela foi curada. (Mateus 15:21-28)*

### Contextualização

Enquanto os líderes de Israel buscavam Jesus para acusá-lo de transgressor, os gentios, que nada conheciam da lei, procuravam Jesus para nele encontrar resposta para os seus grandes dramas. Jesus deixa esse ambiente carregado de religiosidade legalista e vai para as bandas de Tiro e Sidom. O sentido supremo desta passagem é que preanuncia a propagação do evangelho a todo mundo; mostra-nos o princípio do fim de todas as barreiras.

E nesse território gentio que vem a Jesus uma mulher cananeia cuja filha está endemoninhada. Essa mulher apresenta com humildade e perseverança a sua causa. Mesmo enfrentando obstáculos, não desiste de esperar de Jesus um milagre. Vejamos algumas preciosas lições da passagem.

Primeiro, uma mãe aos pés do Salvador discerne o problema que atinge sua filha, transforma a necessidade em adoração. Ela sabia que o problema de sua filha era espiritual. Ela vai a Jesus. Busca-o. Chama-o de filho de Davi, seu título popular, aquele que fazia milagres. Depois chama-o de Senhor. Finalmente, ela se ajoelha (15.23). Ela começa clamando e termina adorando. Ela começa atrás de Jesus e termina aos seus pés. Transformou sua necessidade em oportunidade de prostrar-se aos pés do Senhor. Transformou o problema no altar da adoração.

Segundo, uma mãe aos pés do Salvador está disposta a enfrentar qualquer obstáculo para ver a filha liberta. Vejamos os obstáculos: a) O obstáculo do desprezo dos discípulos de Jesus (15.23). Os discípulos não pedem a Jesus para atender essa mãe, mas para despedi-la. Não se importam com a sua dor, mas querem se ver livre dela. b) O obstáculo da barreira do silêncio de Jesus (15.23). O silêncio de Jesus é pedagógico. Há momentos em que os céus ficam em total silêncio diante do nosso clamor. E mais fácil crer quando estamos cercados de milagres. O difícil é continuar crendo e orando pelos filhos quando os céus estão em silêncio, quando as coisas parecem estar indo de mal a pior. c) O obstáculo da barreira da resposta de Jesus (15.24- 26). Essa mãe, longe de ficar magoada com a comparação, converte a palavra desalentadora em otimismo. Transforma a derrota em vitória. Busca o milagre da libertação da filha, ainda que isso represente apenas migalhas da graça. Por que Jesus agiu assim com essa mãe? Para despertar

em seu coração uma fé robusta.

Duas verdades merecem destaque, como vemos a seguir. Em primeiro lugar, Jesus elogia a fé daquela mãe (15.28). Mãe, não desista de seus filhos. Eles são filhos da promessa. Eles não foram criados para o cativeiro. A fé é morta para a dúvida, surda para o desencorajamento, cega para as impossibilidades e nada vê a não ser o seu sucesso em Deus. A fé honra a Deus, e Deus honra a fé. É conhecida a expressão de George Müller: “A fé não é saber que Deus pode; é saber que Deus quer. A fé é o elo que liga a nossa insignificância à onipotência divina”. Em segundo lugar, aquela mãe recebeu pela vitória de sua fé a libertação de sua filha (15.28). Jesus disse: *Faça-se contigo como queres. E, desde aquele momento, sua filha ficou sã*. A fé reverteu a situação. Fé é crer no que não vemos, e a recompensa dessa fé é ver o que cremos. Aquela mãe voltou para a sua casa aliviada e encontrou a sua filha liberta. Ela perseverou. Ela se humilhou. Ela adorou. Ela orou. Ela prevaleceu pela fé.

### Perguntas para reflexão

- 1ª) Como essas verdades se aplicam hoje?
- 2ª) O que preciso alinhar com a verdade desse ensino?
- 3ª) Qual o recurso que a redenção proveu por meio da nova natureza para eu viver essa verdade de Cristo em minha vida?

## Ensino sobre o fermento dos fariseus e saduceus

*Mais tarde, depois de atravessar o mar, os discípulos descobriram que tinham se esquecido de levar pães. Jesus os advertiu: “Fiquem atentos! Tenham cuidado com o fermento dos fariseus e saduceus”. Os discípulos começaram a discutir entre si por que não tinham trazido pão. Ao tomar conhecimento do que falavam, Jesus disse: “Como é pequena a sua fé! Por que vocês discutem entre si sobre a falta de pão? Ainda não entenderam? Não se lembram dos cinco pães para os cinco mil e dos cestos de sobras que recolheram? Nem dos sete pães para os quatro mil e dos cestos grandes de sobras que recolheram? Como não conseguem entender que não estou falando de pão? Repito: tenham cuidado com o fermento dos fariseus e saduceus”. Finalmente entenderam que ele não se referia ao fermento do pão, mas ao ensino dos fariseus e saduceus. (Mateus 16:5-12)*

### Contextualização

Essa passagem ilustra a dificuldade dos discípulos em aprender as verdades espirituais. Jesus e seus discípulos tinham empreendido a viagem para a outra margem do lago e os discípulos tinham esquecido de levar pão. Jesus os advertiu: “Fiquem atentos! Tenham cuidado com o fermento dos fariseus e saduceus”. Os discípulos não conseguiram alcançar o teor da advertência de Cristo. Eles estavam pensando em provisão alimentar, enquanto Jesus os alertava sobre o fermento das falsas doutrinas. Jesus alerta seus discípulos de se acautelarem sobre o fermento dos fariseus e dos saduceus. Jesus não está se referindo ao fermento do pão, mas ao fermento da doutrina. A justiça própria, o formalismo e a religião vazia dos fariseus, bem como o liberalismo teológico dos saduceus, eram o cerne da advertência de Jesus.

Na Bíblia, o fermento é um símbolo do mal. A Bíblia usa o fermento como figura de falsa doutrina, infiltração do pecado na igreja e hipocrisia. É nesse contexto que Jesus exorta os discípulos sobre a hipocrisia dos fariseus e o mundanismo dos saduceus. Tanto no A.T como no N.T., “fermento” frequentemente simboliza o mal. Assim, o ministério de Jesus é caracterizado por “conceder o pão”, enquanto os fariseus e os saduceus disseminam “fermento”.

### Perguntas para reflexão

- 1ª) Como essas verdades se aplicam hoje?
- 2ª) O que preciso alinhar com a verdade desse ensino?
- 3ª) Qual o recurso que a redenção proveu por meio da nova natureza para eu viver essa verdade de Cristo em minha vida?

## Ensino sobre a confissão de Pedro

*Quando Jesus chegou à região de Cesareia de Filipe, perguntou a seus discípulos: “Quem as pessoas dizem que o Filho do Homem é?”. Eles responderam: “Alguns dizem que o senhor é João Batista; outros, que é Elias; e outros, ainda, que é Jeremias ou um dos profetas”. “E vocês?”, perguntou ele. “Quem vocês dizem que eu sou?” Simão Pedro respondeu: “O senhor é o Cristo, o Filho do Deus vivo!”. Jesus disse: “Que grande privilégio você teve, Simão, filho de João! Foi meu Pai no céu quem lhe revelou isso. Nenhum ser humano saberia por si só. Agora eu lhe digo que você é Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha igreja, e as forças da morte não a conquistarão. Eu lhe darei as chaves do reino dos céus. O que você ligar na terra terá sido ligado no céu, e o que você desligar na terra terá sido desligado no céu”. Então ele advertiu a seus discípulos que não dissessem a ninguém que ele era o Cristo.*  
(Mateus 16:13-20)

### Contextualização

Jesus está em Cesareia de Filipe, essa era uma região sob forte influência de várias religiões: havia sido o centro do culto a Baal; possuía templos do deus grego Pan; e Herodes, o Grande, havia construído ali um templo em homenagem a César Augusto.

E em meio a essas superstições pagãs, onde eles também estavam livres da interferência de Herodes Antipas, que Jesus buscou adequada oportunidade para obter de seus discípulos resposta a duas perguntas: Que opiniões o povo em geral tinha dele? E quem os discípulos pensavam que ele realmente era?

Primeira pergunta: *quem diz o povo ser o filho do homem?* A resposta dos discípulos revela a confusão dominante entre o povo: *Uns dizem: João Batista; outros: Elias; e outros: Jeremias ou algum dos profetas.* Vale destacar que todas essas pessoas mencionadas já estavam mortas, exceto Elias, que fora trasladado. Certamente, a opinião do povo sobre Jesus revelava suas crenças místicas. O povo estava rendido à confusão. Sua opinião sobre o filho do homem estava equivocada. Ainda hoje, o povo crê em outro Cristo, e não no Cristo revelado nas Escrituras.

A segunda pergunta de Jesus, agora, é endereçada aos próprios discípulos: *Mas vós, continuou ele, quem dizeis que eu sou?* Pedro dá uma resposta lúcida, objetiva e verdadeira. Jesus é o Messias. Ele não é apenas um grande profeta, mas o próprio filho do Deus vivo. Jesus aceita a confissão como verdadeira e confirma, assim, a sua divindade. Jesus deixa claro que Pedro só sabe quem ele é porque o Pai lhe revelara isso. Só podemos conhecer Cristo por revelação divina, e não por investigação humana.

Por último, Jesus declara a Pedro sua vulnerabilidade, ou seja, ele é um fragmento de pedra, e ao mesmo tempo revela sua autossuficiência, apresentando a si mesmo como a rocha sobre a qual a igreja é estabelecida. Portanto, o que Jesus disse a Pedro é o seguinte: *“Eu também te digo que tu és um fragmento de pedra, mas sobre esta rocha que sou eu, da qual tu és um pedaço, edificarei! minha igreja”.* Ainda, o pronome demonstrativo “esta”, em vez de

“essa”, pedra, revela que Jesus está falando sobre si mesmo, e não sobre Pedro. A. T. Robertson diz que a ênfase não está em “Tu és Pedro”, em contraste com “Tu és o Cristo”, mas em “o Pai te revelou uma verdade e eu também te conto outra”. Está claro, portanto, que a pedra sobre a qual a igreja está edificada é Cristo, e não Pedro. Pedro e os demais crentes de todos os tempos são pedras vivas (1Pe 2.5), edificados sobre o fundamento que é Cristo (1Co 3.11).

### Perguntas para reflexão

- 1ª) Como essas verdades se aplicam hoje?
- 2ª) O que preciso alinhar com a verdade desse ensino?
- 3ª) Qual o recurso que a redenção proveu por meio da nova natureza para eu viver essa verdade de Cristo em minha vida?



## Ensino sobre a exortação de Jesus

*Daquele momento em diante, Jesus começou a falar claramente a seus discípulos que era necessário que ele fosse a Jerusalém e sofresse muitas coisas terríveis nas mãos dos líderes do povo, dos principais sacerdotes e dos mestres da lei. Seria morto, mas no terceiro dia ressuscitaria. Pedro o chamou de lado e começou a repreendê-lo por dizer tais coisas. “Jamais, Senhor!”, disse ele. “Isso nunca lhe acontecerá!” Jesus se voltou para Pedro e disse: “Afaste-se de mim, Satanás! Você é uma pedra de tropeço para mim. Considera as coisas apenas do ponto de vista humano, e não da perspectiva de Deus”. (Mateus 16:21-23)*

### Contextualização

O novo conhecimento e discernimento de Pedro, acerca da identidade de Jesus como Messias, criava a circunstância favorável para Jesus anunciar algumas das duras ocorrências que estavam para vir. Esses acontecimentos seriam provas difíceis para os apóstolos, e Jesus quis prepará-los. Jesus declara a eles tanto sua morte como sua ressurreição; tanto seu sofrimento como sua recompensa; tanto sua humilhação como sua exaltação. Pedro que acabara de ser declarado bem-aventurado por Jesus por sua profissão de fé tão cristalina e robusta chama Jesus à parte e passa a reprová-lo, dizendo: *Tem compaixão de ti, Senhor; isso de modo algum te acontecerá (16.22).*

A resposta de Jesus é contundente: *Arreda, Satanás! Tu és para mim pedra de tropeço, porque não cogitas das coisas de Deus e sim das dos homens (16.23).* Se a igreja estivesse fundamentada sobre Pedro, estaria edificada sobre areia movediça. O Pedro elogiado por Jesus é imediatamente o Pedro repreendido por ele.

O Pedro que recebe a revelação do Pai é imediatamente o Pedro instrumentalizado por Satanás. É claro que Jesus não está dizendo com isso que Pedro é Satanás, nem que esteja possesso. Jesus está vendo nas palavras de Pedro a mesma tentação de Satanás no deserto e usando as mesmas palavras que usou para expulsar Satanás. Pedro é apóstolo, e nele Jesus continuará investindo.

### Perguntas para reflexão

- 1ª) Como essas verdades se aplicam hoje?
- 2ª) O que preciso alinhar com a verdade desse ensino?
- 3ª) Qual o recurso que a redenção proveu por meio da nova natureza para eu viver essa verdade de Cristo em minha vida?

## Ensino sobre a atitude do discípulo

*Então Jesus disse a seus discípulos: “Se alguém quer ser meu seguidor, negue a si mesmo, tome sua cruz e siga-me. Se tentar se apegar à sua vida, a perderá. Mas, se abrir mão de sua vida por minha causa, a encontrará. Que vantagem há em ganhar o mundo inteiro, mas perder a vida? E o que daria o homem em troca de sua vida? Pois o Filho do Homem virá com seus anjos na glória de seu Pai e julgará cada pessoa de acordo com suas ações. Eu lhes digo a verdade: alguns que estão aqui neste momento não morrerão antes de ver o Filho do Homem vindo em seu reino!”.*

*(Mateus 16:24-28)*

### Contextualização

A penosa lição que Pedro e todos os apóstolos tinham de aprender agora era que seguir a Jesus significava seguir a um Jesus crucificado. Aquele que não se dispõe a carregar a cruz não usará a coroa. As condições para o discipulado são o rompimento de todos os elos que prendem um homem a si mesmo. Jesus não somente abraça o caminho da cruz, mas exige o mesmo de seus seguidores.

O discipulado é uma proposta oferecida a todos indistintamente. Jesus se dirige não apenas aos discípulos, mas também à multidão. O discipulado não é apenas para uma elite espiritual, mas para todos quantos quiserem seguir Cristo. Jesus mostra aqui o preço do discipulado. Seguir a Jesus é seguir o crucificado. E abraçar um projeto que exige renúncia, sacrifício e perseverança. Ser discípulo não é apenas professar doutrinas certas; é seguir o Cristo crucificado. É negar a si mesmo e tomar sua cruz.

O discipulado implica o maior paradoxo da existência humana. Os valores de um discípulo estão invertidos: ganhar é perder, e perder é ganhar. O discípulo vive num mundo de ponta-cabeça. Para ele, ser grande é ser servo de todos. Ser rico é ter a mão aberta para dar. Ser feliz é renunciar aos prazeres do mundo. Satanás promete glória, mas no fim dá sofrimento. Cristo oferece uma cruz, mas no fim oferece uma coroa que conduz à glória.

Jesus conclama seus discípulos a fazerem uma avaliação. Mesmo que alguém chegasse ao cume, a ponto de ganhar o mundo inteiro, mas perdesse sua alma para conquistar essa posição, isso não lhe traria real proveito. Nenhuma vantagem terrena e temporal compensa a perda da alma. Algumas pessoas vendem a honra, os princípios, a consciência e até mesmo sua alma eterna para alcançar bens, popularidade e prazeres terrenos.

A verdadeira recompensa não é aquela que acumulamos na terra, mas a que Jesus trará consigo quando vier em sua glória. Renunciar aos prazeres desta vida para obter a bem-aventurança eterna terá retribuição segura. Alguns de seus discípulos veriam, num antegozo, essa glória de Cristo no monte da Transfiguração, e essa glória seria robustamente revelada em breve no fulgor triunfante de seu túmulo vazio.

## Perguntas para reflexão

- 1ª) Como essas verdades se aplicam hoje?
- 2ª) O que preciso alinhar com a verdade desse ensino?
- 3ª) Qual o recurso que a redenção proveu por meio da nova natureza para eu viver essa verdade de Cristo em minha vida?